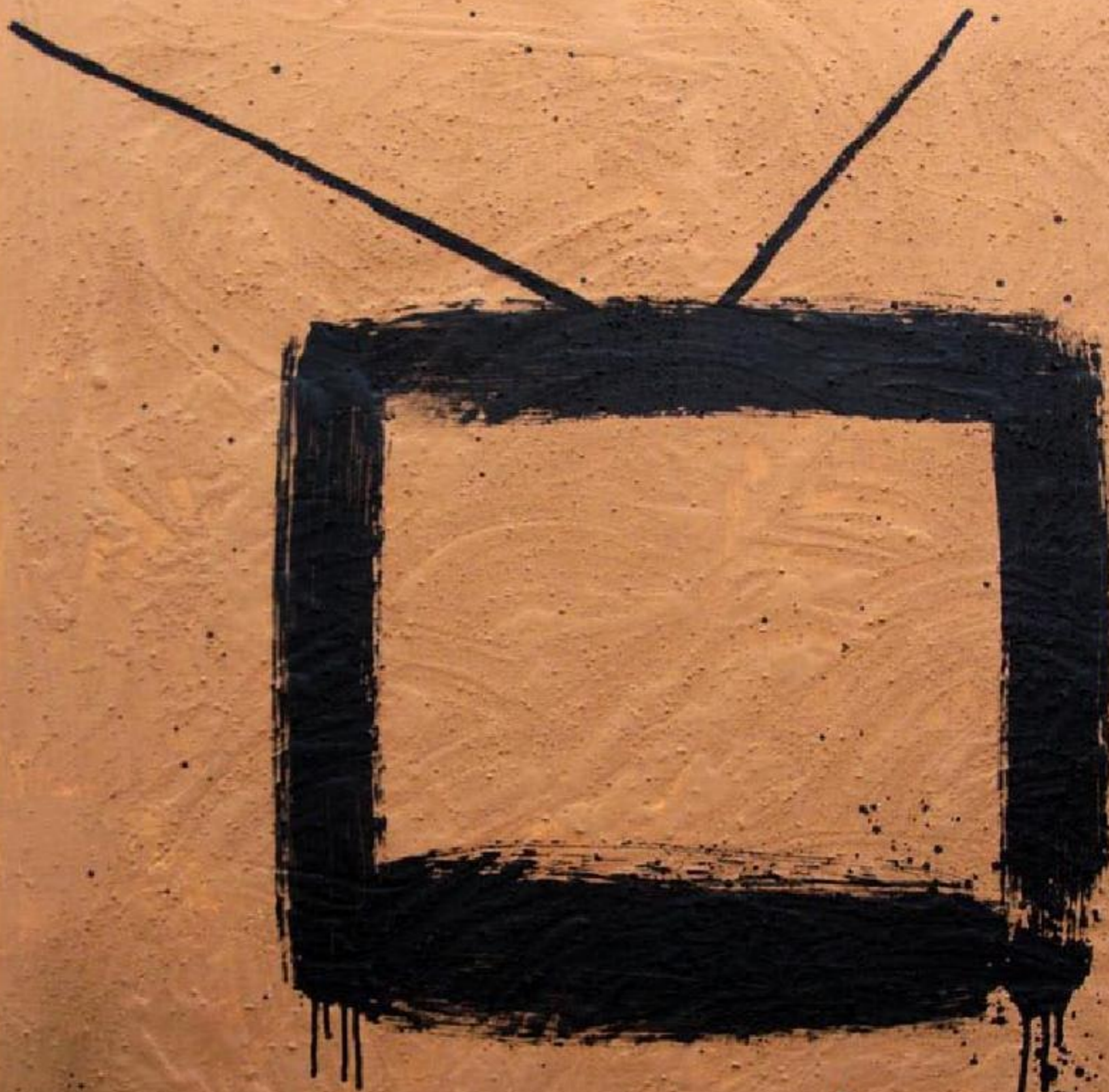


Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Ano 5 – Nº14 – Março de 2013



não me olhe assim

Luís António Soares

Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 5 – Nº14 – Março de 2013

ISSN: 2238-930X



www.revistablecaute.com.br



www.facebook.com/revistaBlecaute



revistablecaute@gmail.com



[@revistablecaute](https://twitter.com/revistablecaute)

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: uma revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

CAPA: Não me olhe assim, 2012

Murilo Santos

Técnica: mista sobre tela

Dimensões: 120 x 120 cm

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

brunogaudencioescritor@gmail.com / @BrunoGaudencio

Janailson Macêdo Luiz

janailsonmacedo@hotmail.com / @jan_macedo

João Matias de Oliveira Neto

j.matias@msn.com / @j_matias

Flaw Mendes (Editor Visual)

flawmendes@gmail.com / @flawmendes

800

R454 Blecaute: uma revista de Literatura e Artes, ano. 5, n. 14

(Março de 2013) – Campina Grande, 2013.

p.: 84, il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Flaudemir S. S. Mendes,
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura - Contos. 4. Literatura –
Poemas. I. Título.

21. ed. CDD

- 05| **Editorial**
- 06| **Conto:** Invisible Web, Por Luisa Geisler (RS)
- 10| **Poemas:** Clicheria e outros poemas, Por Edson Cruz (SP/BA)
- 14| **O Santo Ofício:** A Alma de Virgínia Woolf, Por Franklin Jorge (RN)
- 16| **Poemas:** Insólito e outros poemas, Por Demétrios Galvão (PI)
- 20| **Tiradas do Baú:** Arma de destruição em massa, Por Raoni Xavier (PB)
- 21| **Conto:** Rapsódia, quase fantasia, Por Nina Rizzi (CE/SP),
- 26| **Poemas:** Morte anunciada e outros poemas,
Por José Antônio Assunção (PB/RN)
- 30| **Ensaio:** Lygia Fagundes Telles, Por Suênio Campos de Lucena (BA/PB)
- 38| **Ensaio Fotográfico:** Alma não tem cor, Por Mayana Silveira (POR/PB)
- 48| **Poemas:** Vasta Especificação e outros poemas, Por Hercília Fernandes (PB/RN)
- 51| **Conto:** Blowjob, Por Roberto Menezes (PB/PE)
- 54| **O Aerópago:** 40GB, Por Valdênio Freitas (PB)
- 55| **Ensaio:** Viva o povo brasileiro?, Por Rozeane Albuquerque Lima (PB)
- 59| **Estante:** “O vendedor de Passados”, de José Eduardo Agualusa, por Silvano Fidelis (PB) e “O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça em São Paulo dos anos 30”, de Boris Fausto, por Sabrina Bezerra (PB)
- 63| **Microcontos:** Casal e outros microcontos, Por Geraldo Lima (DF/GO),
- 65| **Poemas:** O Camafeu de Rimbaud e outros poemas, Por Josafá de Óros (PB/CE)
- 68| **Poesia Imaginada:** *(sem título)*, por Flaw Mendes (PB)
(texto: Luciano B. Justino - PB)
- 69| **Conto:** O homem que embarcou no ônibus das dez no dia em que o real entrou em circulação, Por Andresa Silva (PB)
- 72| **Ensaio:** Eu sou Heathcliff, Por Alexandre Laurence (RN)
- 77| **Poemas:** Rio e outros poemas, Por Georgio Rios (BA)
- 82| **Artista da Capa:** Murilo Santos (PB)



ENTRE LYGIA E LUÍSA

No mês das mulheres, a Revista Blecaute homenageia uma das maiores escritoras brasileiras. Lygia Fagundes Telles completará em abril 90 anos e não poderíamos deixar passar este momento de celebração tanto das mulheres como desta grande prosadora. O ponto alto desta menção vem a partir do ensaio do escritor e jornalista Suênio Campos de Lucena, um dos estudiosos da autora, com uma imperdível e impecável incursão sobre a obra de Lygia Fagundes Telles, sua importância para a literatura brasileira e, sobretudo, por ser uma grande contista, destaque entre os melhores do gênero.

De outro lado, jovem e recentemente consagrada entre as mais reconhecidas no gênero prosa, Luísa Geisler, gaúcha que participa da coletânea inglesa Granta, se apresenta como uma das revelações dos últimos anos, posto que vencedora do Prêmio Sesc de Literatura nas duas categorias que ele encerra: conto e romance, nos anos de 2011 e 2012. Luísa participa na Blecaute com o seu conto “invisible web”, não apenas mostrando a força contemporânea e jovem da literatura brasileira, mas também como as mulheres vem transformando nossa atual produção literária.

Outro grande destaque, em relação ao mês comemorativo que se apresenta, é o envolvente ensaio fotográfico de Mayara Silveira, intitulado “Alma não tem cor”, no qual se aborda o feminino a partir da beleza da diversidade étnica e da sensualidade. Neste trabalho salutar, o leitor terá o prazer de contemplar excelentes fotografias, onde a estética do feminino é expressada com cores e sentimentos.

E assim são outros poemas, contos e dicas de leitura, entre Nina Rizzi, Hercília Fernandes, Rozeane Lima, Sabrina Bezerra e Andresa Silva, mulheres presentes neste número especial. Uma homenagem às autoras e, certamente, às muitas leitoras que participam, lêem, sugerem e fazem da Blecaute uma revista plural como a própria literatura deve ser.

INVISIBLE WEB

Por Luísa Geisler

1.

O Diretor acenou: estavam gravando.

O Personagem principal era negro (com unhas compridas). O Primeiro coadjuvante, loiro de biótipo escandinavo (com muita gordura no corpo). O Segundo coadjuvante, um homem latino (com cabelo verde e azul). Sob a mulher, o último coadjuvante, um oriental (com lábios apertados). Não. *Oriental* é um termo de merda. Ele vinha da China. Chegara aos Estados Unidos poucos meses atrás, mal sabia uma palavra fora do cantonês. Tão pouco sabia que tinha certeza que a mulher com quem os quatro transavam estava viva.

Um primo havia lhe indicado para o emprego. Um filme pornô, ele disse, ele e mais um bando de caras iam comer uma mulher. Só. Dois dias. O primo sorria ao oferecer a vaga: conhecia o Diretor desde que chegara aos Estados Unidos, sete anos antes. O dinheiro era bom o suficiente. Bom para pagar o aluguel, bom para mandar para algo para a mãe, bom para (quem sabe) comprar uma calça jeans, uma calça jeans boa o suficiente para arrumar um emprego vestido.

Era nisso que Hui Zhong(慧) — e nos Estados Unidos, Henry — pensava. Metia no fundo da mulher pensando no sorriso do primo ao oferecer o trabalho. Pensava em como a mãe lhe dissera para não ir. Pensava na menina querida da padaria, que estudava um pouco de chinês e era tão gentil. Dizia bom dia e obrigada em mandarim (americanizado). Apontava os preços e dizia as palavras em mandarim (Henry pensava nela para deixar o pau duro). Ensinou a Henry *coffee, cheesecake, bagel, capuccino, mochaccino* e algumas cores.

Não pensou em quão frio (seco, áspero) era o interior daquela mulher. Não pensava em como ela não respirava (e parecia mais deixar ar sair dela). Não pensava em como ela não gemia, não interagia, não sentia dor com um pau em cada orifício possível e porra por todo o corpo. Não pensava em como ela não se importava com sujeira, não se incomodava com algumas moscas que pousavam na sua boca. Henry não pensava nisso porque não olhava para a moça (não-tão-jovem-mas-não-tão-velha, não-tão-magra-mas-não-tão-gorda, não-tão-bonita-mas-não-tão-feia).

Prendia a respiração e metia no fundo da mulher. Não pensava no cheiro de veneno de rato espalhado por aquele porão. Pensava em como explicar para o primo que queria um emprego mais... estável? É. Era essa a palavra. Seguro, estável. Pensou em como soar grato, mas com vontade de mudança.

O Diretor acenou: era o fim das gravações. Era isso por hoje. Henry se afastou porque todos se afastaram. Sorriu porque todos sorriam. Riam (e ele não entendia por quê) enquanto limpavam as mãos, os paus, subiam as escadas, alguns para o chuveiro da casa. O latino parou

do lado da mesa com salgadinhos, mas logo subiu. Henry não pensou em como a mulher ainda estava parada, mesmo depois de todos terem ido embora.

O Diretor explicou que, ao final das filmagens do dia seguinte, ele pagaria os outros 50%. Henry entendeu que: todos foram embora da casa do Diretor (num subúrbio qualquer) sem o resto do dinheiro. Imitou-os e atravessou o jardim de crisântemos bem cuidados.

2.

O Diretor desmoronou no sofá da sala de estar. Enrolou um baseado lentamente, apreciando o toque da seda e o cheiro de maconha. Acendeu-o. Ficou tragando por meia hora. Sentia dores no pescoço, o maldito ângulo da câmera; a garganta arranhada antes mesmo do baseado, os gritos, a motivação, o asiático imbecil (autista?); as mãos doloridas de clicar nos mesmos links e digitar os mesmos e-mails. Ainda tinha que dirigir por meia hora, para sacar o dinheiro dos *Bitcoins* e pagar os atores. Tinha que mandar o material para os responsáveis de edição (o cara que corta o começo e o fim, mexe no áudio e na luz, tira as partes em que as pessoas falam). Tinha que dar um jeito na bagunça no porão, procurar outra atriz. Tinha que comprar carne para o jantar. E cerveja. O Diretor sentiu cair nele uma vida cansada e ocupada.

Ficou tragando o baseado.

Uma vida à base de todo o conteúdo que *não estava na internet* visível dava trabalho. Muito trabalho. Era difícil estar na parte de baixo do iceberg que a web era, daquilo que o Google *não* acha, dos sites de endereço mutante h290skkklm01213wu97.onion (mas só essa semana), que só podiam ser acessados pelo Tor.

Não, não era paixão por paus enormes que fodem gente morta. E, no fundo, achava bem monótonos os vídeos do velho batendo um boquete para uma criança. E não, não era paixão por dinheiro. Havia melhores relações custo-benefício no mundo — ser *workaholic*, arranjar um emprego e suportá-lo o suficiente pra crescer; ser garçom de dia e músico à noite. Para o quanto se incomodava, o Diretor merecia o dobro.

Era (talvez) movido pela mentira de dizer que trabalhava num lugar que ninguém conhecia e que ninguém se interessaria. A história inventada a cada visita à casa dos pais. As namoradas que perguntavam por que o porão era trancado e ouviam a brincadeira: “eu gerencio meu site de pornografia lá”. Era (talvez) movido pela risada que vinha depois.

Era (talvez) movido por um desejo de liberdade. O direito constitucional (e inalienável) de todo ser humano: o de bater gozar com o que quisesse. *The ultimate freedom*, ele concluía (a liberdade derradeira). E, como resultado, as pessoas quando livres revelam o quão desprezíveis podem ser. No anonimato, ninguém liga para como aquela menina de 11 anos consegue enfiar um pau tão fundo no seu cu. Ninguém se pergunta da onde veio, para onde vai, aquela menina, aquele cachorro, aquelas minhocas, aquele negro, aquele loiro, aquele chinês (autista).

Todo mundo compra haxixe afegão, acha matadores de aluguel, drogas que nem o Google sabe direito o que são.

Ninguém se pergunta da onde veio e para onde vai o corpo que já apodrece no porão do Diretor. As bactérias misturando-se à porra, alguns fungos em partes úmidas, uma pequena aranha que subia lentamente a nuca (os braços, as pernas), chegando aos cabelos. Ratos ou baratas só se o Diretor não a tirasse dali logo.

Era (talvez) um apreço pelo cinismo. Um apreço pela pessoa (humana, carne e ossos, viva, com (algum) dinheiro e acesso à informação) que estava pouco fodendo. Esse ignorar do que é socialmente aceito. A derradeira contracultura. O ápice contra o sistema. Essa pessoa que ignora o fato de que é pervertida.

Porque (alguém) já deve ter dito (alguma vez) que fazer aquilo não era normal.

Alguém já falou disso num coquetel, as bizarrices que ouviu falar (um tom de misticismo) da *deep web*.

Os clientes deviam ter alguém.

Não eram todos os clientes maníacos solitários num apartamento sem emprego (eram?). Deviam ter família, alguns até casados. Mulheres que (talvez) picavam buceta com agulhas (numa espécie de acupuntura) enquanto sentavam com uma garrafa no cu. Mulheres (e homens) que depois tomariam banho (ou não) e iriam para seus empregos, seus filhos. Âncora do jornal da manhã, professor, designer gráfico, contador, homeopata, físico nuclear, policial, metalúrgico. Os clientes apareceriam (deviam aparecer?) no hospital com queimaduras, machucados, coisas estranhas em lugares mais estranhos. Ou não, talvez fosse só a gozada e, daí, desligar o computador.

O Diretor se espreguiçou no sofá. Tinha um resto de tarde cansado e ocupado. Ele se levantou.

3.

Sarah se olha no espelho, as roupas (justas) de corrida, o tênis Nike (também de corrida). Ela se vira de perfil, aperta os próprios peitos, a barriga, solta muxoxos, se vira de frente, prende o cabelo castanho, tira alguns cachos do rosto. Coloca na gaveta a fita métrica e o bloco de anotações (quadril, cintura e busto, números (altos na opinião dela (normais na opinião do resto do universo))).

Despede-se do marido, pergunta do jantar de sexta-feira. Ele desliga a televisão: preferia deixar a sexta-feira para eles dois. Ela sorri, já na porta: tem que conferir se tem disponibilidade. Sorriem. O marido se esquece de perguntar se não é muito tarde (e um pouco escuro) para sair de casa. Suspira, enquanto liga a televisão novamente (canal de esportes). Aquele era o jeito de Sarah.

Ela inspira, sai de casa. Vai expirando lentamente enquanto inicia a corrida de aqueci-

mento. Cumprimenta duas vizinhas enquanto corre cinco quadras de distância de casa. Chega a um parque (vazio (mas não vazio o suficiente, na opinião dela)). Antes que chegue à pista de corrida, um carro para ao seu lado, na rua. Um homem desce (altura mediana, uma barrigui-nha, costas direitas, uma mão no bolso). Pergunta algo que ela não ouve bem. Ela se aproxima alguns passos dele:

— Posso te ajudar?

O homem (rosto jovem, óculos de aro fino) sorri um sorriso de dentes alinhados.

— Na verdade, pode.

DE EDSON CRUZ

clicheria

o seio da face
é a maça do rosto

o que é do gosto
regala a vida

mais vale a lida
que o fácil gozo

em todo ovo
labuta o novo

as sombras

enquanto o sol gira
e queima a aba
da constelação Alcione
— não aquela do pistão
em riste
a outra que contamina
a tudo e triste

com fótons
pó de minas
energias sutis

nós — os chamados
humanos
entre escombros
seguimos
a acumular mortes
e assombros

amazonas

para Thiago de Mello

na lentidão do rio
Solimões curtindo na pele
o mormaço da floresta
uma imensidão verde
e pulsante envolve a todos

tudo ficou tão pequeno
em meu peito
igarapés
de coisas desnecessárias
que carrego comigo
trastes de civilização
a desaguar nos rios poluídos
das cidades que habitam
em mim

o mais era silêncio
só o ronco do barco
- por contraste -
desafiava a quietude
deslizando imponente
entre os igapós
que maravilhosa metáfora
dos seres que somos
alagados, mesmo quando
a estiagem lá fora
se impõe

ouvi gritos
um ecoar medonho de vozes
desamparadas
o espírito da mata
agonizando e expelindo
secreções na esteira
destes caminhos
aquosos – uma algaravia

deixem a vida vicejar
em seu ritmo natural
deixem o rio quietar
em minha querida Barreirinha
que a mina da vida
possa desaguar
límpida
no peito dos seres
ressequidos.

oratio

carpe diem
a vida é
curta

carpas riem
o azul do dia
zune

o céu refletido
nas águas
lume

cardume

seus olhos
na fluídica noite
da ausência
me assombram.

peixes centelham
em ardentia
de cardume.

células flageladas
calcinadas
em desprezo.

EDSON CRUZ (SÃO PAULO/BAHIA)- poeta e editor. Fundador e editor do site de literatura *Cronópios* (até meados de 2009) e da revista literária *Mnemozine*. É professor no Curso de Criação Literária, da Terracota Editora, no módulo Poema. Lançou em 2007, *Sortilégio* (poesia), pelo selo Demônio Negro/Annablume e, como organizador, *O que é poesia?*, pela Confraria do Vento/Calibán. Lançou, também, uma adaptação do épico indiano, *Mahâbhârata*, pela Paulinas Editora. Em 2011, publicou *Sambaqui*, livro contemplado pela Bolsa de Criação da Petrobras Cultural. Em janeiro de 2012, colocou no ar seu novo projeto: o site Musa Rara: <http://www.musarara.com.br/>

A ALMA DE VIRGÍNIA WOOLF

Por Franklin Jorge



Em ensaio crítico-biográfico sobre Virginia Woolf, Nadia Fusini – sua mais original e eminente exegeta – pondera que o escritor não tem outra vida senão a obra; a obra que justifica a existência, e a única forma possível de imortalidade, segundo a lição prodigada por Marcel Proust.

“Sou Dona de minha Alma” faz a psicanálise dos escritos e da vida da autora de Mrs. Dalloway. É um estudo que surpreende e enreda o leitor da primeira à última página numa sucessão de descobertas, revelações, fatos e lembranças que dão vida e fluidez ao fluxo da consciência, uma das artes de Virgínia. Mergulha Nadia Fusini, sem temor, no mar profundo que constitui a natureza íntima dessa escritora inglesa que amava as mulheres e que, quando menina, foi abusada por um meio-irmão.

Ao compor este ensaio, Nadia Fusini, palmilha e esquadrinha o que escreveu Virgínia em diversos gêneros literários. Romance, crônica – uma tradição inglesa a que presta homenagem fazendo-se cronista de Londres, uma original cronista que lança os seus olhares sobre o excêntrico da alma londrina –, diários, cartas, fragmentos de memória, Bloomsbury, tudo enfim que escreveu...Enfim, o segredo de Virgínia Woolf decifrado e interpretado por Nadia Fusini, anglicista de renome cuja obra resgata a confiança do leitor numa crítica orgânica, antidog-

mática, inovadora; crítica que é uma contribuição literária em si e a um tempo uma profunda reflexão sobre o ato da escrita, vivenciada em todas as suas possibilidades e prejuízos que acarreta para o artista. Virginia, que ouvia pássaros cantando em grego e vozes se digladiando em sua mente, é submetida a rigoroso escrutínio nas páginas desse ensaio de alta literatura.

Revela-nos Nadia Fusini que a flor de Virgínia era a Passiflora, a flor do maracujá e da Paixão; e o seu éden, a casa de praia de St. Ives, na Cornualha, onde sentiu a qualidade do ar de seus dias de juventude, do ar de Talland House, cortante, fustigante, quando cai do alto. Era um ar que tirava do som aquilo que os sons têm de áspero, como o ar que circunda o Farol.

A autora de “Orlando” acredita que apenas a autobiografia é literatura. Por isso, afirma: Os romances são a casca, e, ao final, chega-se ao caroço. Ou eu, ou você. Assim escrevia em seu diário. Ora – pergunta-nos Nadia Fusini. – É possível conhecer-se contando as coisas simplesmente como aconteceram? E assim, dialeticamente, introduz o leitor no conhecimento ativo da alma dessa complexa Virgínia Woolf, por entender que a forma deverá ser extraída da liberdade, e não sofrida pelas circunstâncias.

Fragmento de “O Escrivão de Chatham”, vol. 2-2 [inédito].

DE DEMÉTRIOS GALVÃO

insólito: carregar cemitérios e ferrugens nos bolsos: o mar quando escapa pela fenda e escorre para dentro do olho, como barragem que estoura o que lhe detém ou dente abrindo caminho na gengiva passiva: o sono do gato é abismo profundo sem escadas, escamas, cabelo, corda para se agarrar: o ranger desencadeado pela ciranda da lua desenterra pássaros, carancas e borboletas que carregam santuários coagulados nas ruínas de suas asas oxidadas: – a mancha úmida na parede é gozo do tempo.

a previsão do tempo é uma falácia

p/ mardônio frança e nuno gonçalves

os brinquedos, os jogos de adivinhação, a cidade e suas senhas-salamandras, as mandalas hipnotizadoras, a rota da barbárie e as memórias que entregam o seu coração aos bandeirantes, que entregam seus nomes, sua prole, seus sonhos de se tornarem camaleões ou peixes ou águias ou fogo. há setas que apontam pro norte, há uma confusão nos sensores, sentidos, os poemas-malabares cospem fogo, os cheiros e o sexo estão longe, o mar chega para lambar e sarar as feridas, o vento é chicote bem vindo nas costas, os brinquedos agora obsoletos, as conchas do mar, o pára-quedas está nas costas esperando ser aberto, a cidade colméia cria seus doentes mentais, a cidade frankstein devora seus doentes mentais, a cidade é uma seqüela aberta, ferida que nunca sara, cores mortas, portas fechadas, pernas e braços e cabeças e troncos espalhados pelas calçadas, os desenhos que se pintam são hecatombes, terremotos, nada de cores de almodóvar, a cada esquina um besouro a descer pela garganta, a sala de estar é um calabouço, um cala boca, uma mordança, moscas cercando os cadáveres da cidade-hospício, cercando as mentiras e a dor da lembrança, pegamos carona em corpos alheios pra esquecer os sonhos ruins, há lugares que vendem coisas que já aconteceram, que já tocaram, que já foram vistas, que já foram lidas ou faladas, a cidade é uma sucata velha teimosa.

tua alma de planta ornamental
tem gosto azulado
e teus gemidos
são escorpiões em chamas
nas cores de chagal
pedindo perdão
aos ventiladores do absurdo.

assim nascem os acordes das manhãs
na escoliose de meus telhados.

no quintal de nossos umbigos

o teu riso desata um solstício – (suprimimos os travessões, os dois pontos, as vírgulas, atropelamos a semântica com beijos salgados. retiramos do relento os balões desgarrados, retiramos também do guarda-roupa os sonhos velhos e os refizemos para o uso diário. nos encontramos quando erramos os caminhos, quando na interseção dos itinerários brincamos de nos perder e de nos achar e de trocar de pele.) – a cada gesto... um poema de amor, um samba, uma brincadeira no quintal de nossos umbigos.

dopado no coração mercado

são os peixes das casas mortas, sem curvas e sem virgindade
eles não têm receitas para os comprimidos,
eles não têm doutores que curem nuvens.

eu disse a truffaut o que queria
e ele olhou como se tudo que pedi fosse pouco para um dia.

não morro de nada
converso com os invisíveis e eles me agradam
são ternos e isósceles
escapam e pedem misérias
ficam na beirada e vazam
ouvem as paredes e dizem:
tenho um quarto sem nada.
e digo:
tenho desenhos no tornozelo.

passamos os muros e as extensões
existe o que se espalha na rua
as pessoas recebem os passes e os acordes
se assustam com a poesia em caixas de remédio.

todos compram verduras, alho e rações
trocam flores por cartas feridas
ficam velhos, reumáticos e não lêem poesia.

meu corpo se desola com nick drack
a manhã se torna desabitada
os gatos rejeitam os lençóis
e o tapete é o local do encontro perdido.

Por Raoni Xavier



RAPSODIA, QUASI UNA FANTASIA

Por Nina Rizzi

“óperas silenciosas, tímpanos estilbaçados” – jota mombaça

1º movimento, l'istesso tempo

era o aniversário dela, a moça que já foi de bienal. depois ela quis ser travesti, eu não me espantei, comi chantilly sem leite em sua homenagem, com mostarda, pimenta e um pouco de sangue que consegui espetando os joelhos com o garfo. eu lembrei do dia de seu trigésimo aniversário, as flores amarelas e o poema de dylan thomas. comi as flores porque ela não é bondosa, nem deveria. é um modo de celebrar as idas ânsias, hoje um peso morto como aquele partido conservador português. ela não respondeu, comi as últimas pétalas com esse pensamento, quanto bem-me-quer cabe em mal-me-quer, o quanto me havia de impraticável.

eu não pensava em nada disso. eu era assistente social tecnicista e utilitarista. aí que eu encontrei o ‘take the power back’ e fiquei com pena de ter aprendido algum inglês como laugh and laughing e essa cultura dominante nessas outras coisas que missy elliot não dizia com o settle for nothing. é bonito o som dessas palavras pra muito além de concretismo, mas só isso. nem era meu aniversário, porque eu não posso aniversariar de mês em mês, apesar de ver àquela, ó presente, de ano em ano. mas eu não posso aniversariar todo mês ou toda semana, mesmo com esses presentes que chegam na caixa. eu tenho alguém que me presenteia, nos esbofeteamos quase toda manhã como um jeito de buscar a mágoa em lugar de nuvens, como a vida deve ser ou não, aqui é que é assim viver a vida.

e tem ainda ‘killing in the name’, não importa o resto, só isso, o ‘killing in the name’. a indicação de alguém que já me admirou - não hoje, não depois de eu beijar uma mulher quando todos os homens me disputavam e se ofereciam e eu só pensava e bebia o homem que não estava com a salsinha ou talvez fosse coentro, o coentro que em suas mãos pra minha boca, só assim das suas mãos pra minha boca é que podia ser bom e é maravilhoso, foi -. sim, não depois de eu beijar a mulher quando era o homem distante e aquele ali que já me admirou sabia. sabia e me chamou de falsa. fake, na verdade, que é como ele tem sido depois de ter descoberto em sua poesia - aquela poesia precisa, articulada, que não se desperdiça e é indispensável -, ter descoberto que a poesia flui e é fluída, sincopada como seus rios ao gosto de ungarretti. a indicação desse homem fez o outro escrever, depois de lembrar de outro dizer, sóis, tanta gente diz e eu repito: nome é destino.

tudo era poema, não isso. era o aniversário da mulher que comi as flores e as flores e o seu nome.

2º movimento, adágio com espreziona

era preciso dizer, quase como um rito, como uma premonição de catástrofe, todo o tempo quase e o tempo quando. ainda com a insegurança da repetição. eu queria gritar sim, porque não? com aquela vozinha da joanna ou da rachael que me tocam tanto, tanto. vê, as repetições, são próprias do meu discurso que preciso todo o tempo lhe dizer. assim como não sei conjugar os verbos, é e não era. e não é que você não saiba, mas é que além do tempo é agora. a colher que estala a farinha d'água alheia ao meu não gostá-la. e eu gosto quando minha gata mais arisca se derrama em minhas folhas. grávida, se contorce e amontoa, ronrona. o homem me disse que gostoso só pode ser comida ou sexo, porque eu dizia que era gostoso o alto-mar e a gata. talvez ele não fosse mergulhador e uma pessoa que não gosta de gatos não entende nada de sensibilidade e gostar. e é gostoso quando chega a outra gata e massageia minha cintura e sexo com as unhas. a vida eterna, amor, disse ele. e lembrei dessa que era a boa vida. a ala das baianas amarelas. as flores amarelas não restituem teus lábios. é uma fera selvagem e eu nunca os vi, mas encontrei no lixo uma mala cor-de-rosa-choque pra carregar toda disritmia. e o homem, sim, você é o homem, nunca mais me escreveu uma linha. uma linha era o que separava minha alma da tua. te viram numa livraria acompanhado de uma mulher, poeta. eu não lembro quando fui mulher e tenho medo de esquecer teus olhos. a mulher era amarela como teus olhos hepáticos. só um girassol ou o miolo das margaridas podem ser verdadeiramente amarelos, belos. e as baianas de todos os santos. um riso puro e solto a contaminar cada um dos dentes até os olhos e garfos e então tudo ser uma só gargalhada. era boa a vida, uma pequena morte todo dia. e você não veio buscar meu fígado ensanguentado. ao invés de te esquecer, lambo do choro às feridas, mostro a faixa litorânea e rio ao homem que diz me querer. ele é amarelo como meu riso. mas aí eu fiquei ríspida, dizia o homem que era você quando eu parecia te amolar, faca de dois gumes. era preciso dizer que te amo, todo tempo. é preciso dizer, você sabe, mas te amo é preciso dizer, que além do tempo é agora. gostoso é o que gosto, araim.

3º movimento: andante

então descruzou as pernas e recostou-se na cadeira. ficou ali mirando as pessoas como se lhes lesse, daquele jeito em que olhar atravessa as gentes sem ver. um minuto ou outro vinha a imagem de dois dedos displicentes a brincar com um lóbulo de orelha ou um lábio superior. a dorzinha do tédio que lhe pressionava a testa em pouco passava, estaria sentada na padaria

e chegaria àquela das práticas assustadoras, assim lhe parecia. coisa com coisa era a lembrança dessa; o dia em que a mãe lhe deu um vestido branco e longo como tapa na cara; quando o pai bêbado bulinou suas cobertas; as cobertas e o sujeito a morder os ombros da moça. ah, lambar a mulher e morder até que seu corpo seja uma mancha no seu. a mulher, esparramar-se a mancha. a moça sem mancada a relerrelerrelerreler os diálogos de duras pra hiroshima, mon amour. sem mancada com sua sabinada e aquela mulher ancestral, a mulher ancestral e o tempo em que fazia poesia. agora não, perde os olhos como quem pega piaba. talvez os peixes morram gozando e isso explicava seus olhos. os olhos da moça atravessando as gentes no nada. fica assim amando as coisas que insistentemente existem à sua volta como a virgem maria e, ai, essa virgindade. ali amando o tempo em que só podia amar o etéreo e irrealizável. aqui ardendo pelo em pouco, um enfim, efêmero, fractal e palpável arder, arder, arder. uma pequena viajera.

4º movimento, allegro vivace

parece até uma sessão masoquista, eu aqui sentada nesse banco imundo de rodoviária, as pessoas chegando pros encontros com risos e vindimas e esse calor infernal e tantos letreiros que me dizem tanto de nós. devia ser lindo a gente a se enroscar num canto de nome olhos d'água. ou talvez esse seja o meu lugar e não o nosso, ou só teus olhos d'água.

caridade, motorista? não, as estradas é que deviam me ter caridade. eu aqui, impregnada de tudo que te é (não motorista, já não te falo, não é você que vejo, que não me leva daqui), esses livros e essas cartas e poemas impublicáveis que imprimi na memória e na língua e que me dói a cabeça. esses teus radicalismos que carrego na bolsa pra distribuir nos assentamentos.

um mundinho tão casca de nós e a gente não ter se esbarrado de novo, nesses letreiros e bancos imundos e em meus poemas pra dentes, ó, absurdidade. fazemos inveja aos pregões novaiorquinos. é isso, muita especulação, investimentos de risco e a gente nem gosta de apostas e roletas, só dos russos que dizem desse frio que nos encharca.

ah, menino, me víciei tão baixinho em teus hábitos estúpidos, em teus lábios sujos de me falar e ter e me amarrar e rasgar cada pedacinho e comer em autotrofia que me pergunto cadê os poemas que te enviei? por que não podia simplesmente devolver cada um dos pelos e pentelhos que te entreguei em histeria? é muito calor, é muito calor e eu tiro os cabelos que me tapam os olhos e me engasgam e a minha cabeça continua a doer. pra onde será que esses ônibus vão se não me levam? de onde vem tanta gente? o nordeste inteiro e a gente nem sol.

você gostava tanto das minhas sandálias de cangaceiro, a gente fazendo moda de sertão alegre

e pirilampo e aquelas frutas lindas, com uns nomes de se abocanhar em pelo. pelo apelido, mas era o nome real que me pegava o gosto, mas que agora não lembro de tanto que me dói a cabeça de tanto te lembrar esses pelos que isaías falava que de tão escarlata o pecado, derretia branquinho como a neve. três quilômetros morro abaixo a centetrinta por hora, em menos de um minuto se chegava ao destino e nós nem esqui. sputinik, bolchevique, tecnicolor e eu e você nem lua. minhas pupilas dilatadas e quem sabe também as tuas.

o sujeito da princesa dos inhamuns veio lá de seu guichê à minha plataforma e fica aqui me cortejando e me olhando e me querendo ler tudo e você precisa fazer um transplante e esse meu rim desgraçado tinha que doer justo agora? e essas biomédicas apolíneas e meigas maledetas que não me aceitam a carne mijada. os ônibus lotados, o asfalto derretendo, o pneu furado, o motor arreado, a porra hipócrita da família pequeno-burguesa e feliz, tudo isso no meio do nosso encontro, liquefazendo o rim que devo te entregar, mas que não consigo, não consigo e não me depilo que teus pelos vieram assim, meio que por acaso dentro daquele livro roubado de supermercado e desde então quantas mil vezes minha compulsão me levou a te reler PALAVRA, LETRA escArlate e RaINHA no tabuleiro. você já comeu biscoitos de farinha d'água? é a falácia dos pães-de-queijo que vem sem beijo. quantas bonecas de mestre vitalino, quantas jangadas e eu e tu e eles nem aurora, sei que vou morrer não sei o dia e talvez você nem saberá que os sete orelhões são da rua que não ladrilhei, meu amor, e posso findar qual anunciação do apocalipse se não te entrego esse rim.

por que esse cara insiste tanto que eu lhe compre os óculos e relógios? é assim tão óbvio que meus olhos d'água precisam secar, isso dói mais em mim que nele, pode acreditar e que esse meu rim tá atrasado até ele já sabe que tá escorrendo sangue pelas minhas mãos calejadas de esperar a safra do algodão doce, mas isso não ajuda, não ajuda, assim como não ajuda esse cartão de sorrento que tenho na carteira vazia. claro que na itália fazem docinhos deliciosos de frutas azedas e ESPINHENTAS! sim, feito pequi com arroz, com frango não que detesto frango, digo, sou sensível demais pra detestá-los e não posso comê-los a não ser que te entregasse meu rim a tempo e pudéssemos fazer um charque de galinha, um steak até, nem que fosse lá, naquela minha esquina vizinha, a que me fugiu com a família feliz e netos e onde sua pele brilhava como a de um escravo à venda no mercado de olinda e seu nariz anguloso e eu lá nu em vermelho modinha gli ochi per te. você devia ter me escutado contr'alto:

volevo dirti solo che
sei sempre tu la mia allegria
che quando parli insieme a lei
diventa folle gelosia
per tutto quello che mi dai

anche quando non lo sai
questo io volevo dire a te

di come quando non ci sai
io mi perdo sempre un po'
poi mi accorgo che non so
più divertirmi senza te
invece quando stai con me
anche il grigio intorno a noi
i colora della vita che gli dai

comè difficile dire tutto questo a te
che d'amore non parli mai
non ne parli mai con me...
hai paura come me...

os ônibus não vêm do carnaval, do natal e eu viro duna, maresia, ruína, olhos d'água. faço cantilhenas, grito e choro e esperneio que nem uma criança cricrinclame com toda força e as estradas interditadas e esse rim em minhas mãos de concha virando ostra. porra... eu encaro o sol. encaro sim. recoloco as pernas que te dei naquela feita gloriosa e vou. cuspo e vou a nado se preciso, é preciso! voltando de canindé via tabapuá é calor eu sei, mas é preciso sonhar sabendo a hora de partir. não tenho cavalo, nem burro brabo ou pau de sebo, mas a princesa dos inhamuns vem, tem que vir, tem que vir e aí sim: rícino, rim, rir, ô sertão sanguinolente.

NINA RIZZI (CEARÁ/SÃO PAULO). Formada em Artes Dramáticas e História, especialista em Arte-educação e mestranda em Letras. Participa em diversas antologias, revistas e suplementos literários. É uma das escritoras suicidas [www.escritorassuicidas.com.br]. Lançou em 2012 *Tambores pra n'zinga*, pelo selo Orpheu/ Ed. Multifoco. Edita a Revista *Ellenismos – Diálogos com a Arte* [<http://ellenismos.com>], e escreve seus textos literários no *quandos* [<http://ninaarizzi.blogspot.com>].

DE JOSÉ ANTÔNIO ASSUNÇÃO

MORTE ANUNCIADA

Súbito, os olhos da mulher amada
Os ombros da mulher amada
Os seios da mulher amada.

Da mulher amada,
A véspera do susto
O orbe desnudo
O acetinado púbis
Sobre o umbigo do mundo.

E da mulher amada sempre
As facécias dos homens
O cinismo dos núncios
O infarto dos deuses
A morte súbita.

CAMINHO DE DAFNE

Desde os confins da Ásia ouço tua voz
Passada de geração a geração por outras vozes
Menos que por vastos anêmicos dicionários.
Teu inflamado scherzo acorda comigo
E flana pelas ruas de Intermares
Até a antiga orla que beijou Nassau
Em incerto dia dos calendários.
A caminho da praia uma moeda deparo
E tateio alheado a efígie na prata.
Que infinitas rotas foram alijadas
Para que tocaste e a esta efígie
As emocionadas notas de tua Passionata?
Tu, Wolfgang Amadeus Mozart
Que trauteio alheado caminho de Dafne.

NÚNCIOS

Inscrevo-me nas falésias de teu corpo
Meu corpo a compor um canto novo.

Vem de além-mar o hálito de teu corpo
De Trás-os-Montes vem o cheiro de meu bem.

Dá-me tuas mãos, dá-me tua boca, dá-me teus seios
Também te dou lábios, te dão mãos, beijo teus seios.

Vamos brindar ao novo ser que já assoma
Vem de Belém o ser que brota de teu ventre.

YELLOW RIVER, LE BATEAU IVRE

a William Costa

Que venha o Sol
sua dourada cabeleira
sob dedos de formol.

Que venha o Sol
com seu copo de rum,
tira-gosto de etanol.

Que venha o Sol:
Rimbaud Drummond
Drummond Rimbaud.

Quo Vadis, ó Pó?
quo vadis? Ó grande polvo
bêbado de infinito.

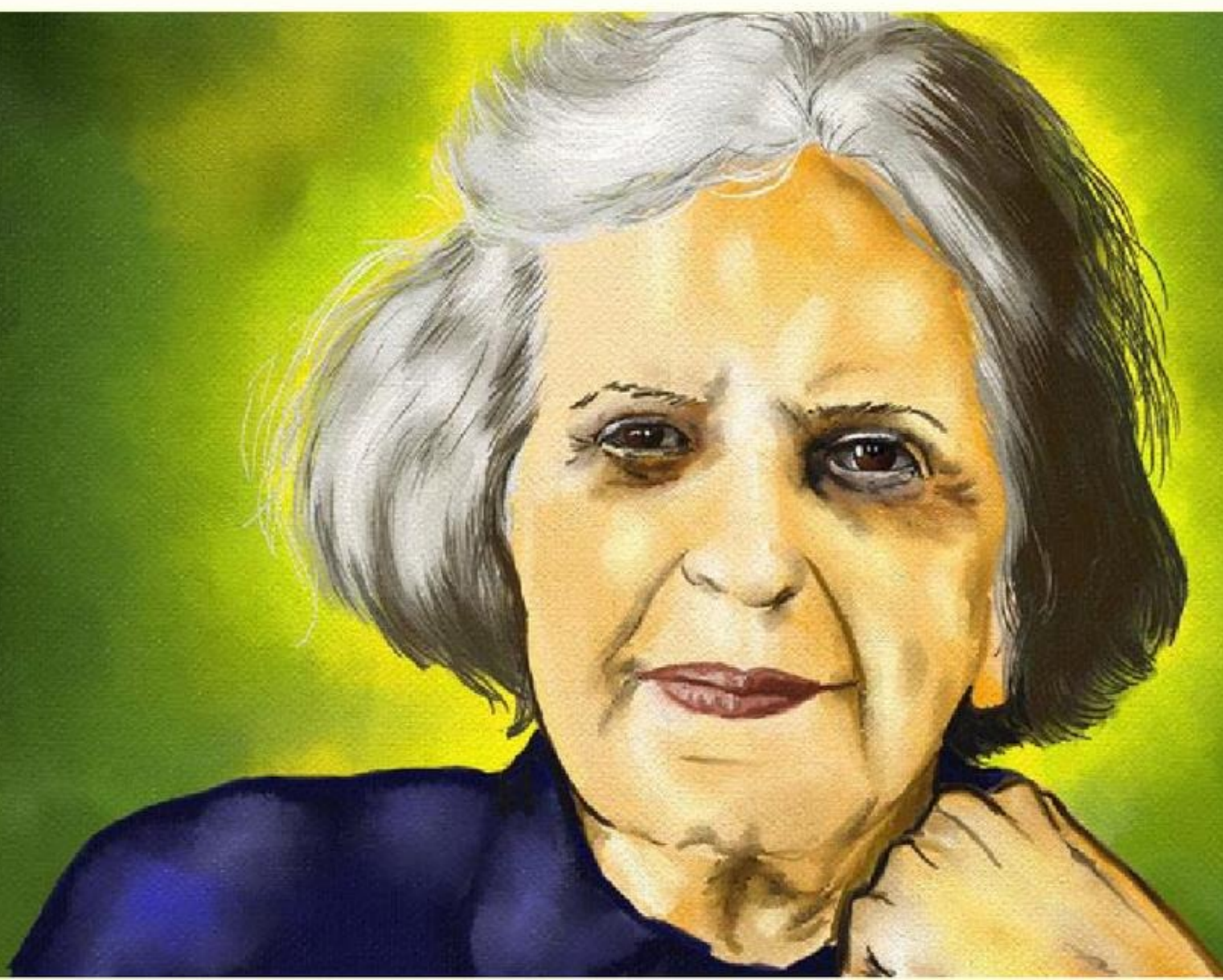
Lobo andrógino
parindo arrebol.

LYGIA FAGUNDES TELLES

Por Suênio Campos de Lucena

*Trecho do romance **As meninas***

“Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. Iniciou-se ali um cerimonial frequentemente repetido e que durava de três a seis horas cada sessão. Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resisti e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio. Obrigaram-me então a aplicar choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fétidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes que julguei que tivessem me rompido os tímpanos, mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido às algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas”.



ATÉ O MOMENTO, A ESCRITORA Lygia Fagundes Telles, que em 2013 comemora 90 anos, lançou quatro romances, oito livros de contos e quatro livros de “ficção e memória”, títulos que compõem uma obra de grande prestígio crítico, traduzida para mais de trinta países e adaptada para a tevê, teatro e cinema. Hoje, com mais de seis décadas de carreira, a escritora legou seu nome como uma das mais importantes ficcionistas da língua portuguesa. Mas, a despeito dessa popularidade, formada por um público-leitor que garante a seus livros sucessivas tiragens, além de uma constante publicação de perfis, entrevistas e matérias jornalísticas, que costumam chamá-la de “a dama da literatura brasileira”, sua vasta produção ficcional ainda necessita ser mais estudada e analisada.

A estreia de Lygia ocorreu em 1938, aos dezesseis anos, com o livro de contos *Porão e sobrado*, obra que indica a determinação da jovem, que bancou a edição economizando mesadas do pai. Mas este livro será motivo futuro de insatisfação, assim como os dois que virão em seguida – *Praia viva* (1943) e *O cacto vermelho* (1949) –, esgotados e jamais permitidos pela autora de serem reeditados.

É durante a Segunda Guerra Mundial que Lygia trava contato com muitos dos escritores brasileiros que ficarão célebres na segunda metade do século XX. Em “Durante aquele estranho chá”, texto que dá título ao seu livro de 2002, organizado por nós, ela relembra um encontro com o poeta Mário de Andrade ocorrido em 1944 na Confeitaria Vienense. No garoento centro paulistano, em meio a elegantes garçons e valsas latejantes, Mário aconselha a jovem a prosseguir escrevendo, confiante no ofício. Ao se despedir lhe entrega uma carta comentando seus escritos, mas esta seria perdida para sempre numa sala de aula. O poeta morreria no ano seguinte. Já com Oswald de Andrade, Lygia costumava participar de saraus literários em sua casa para ouvir o escritor ler os originais de seu livro *Marco zero*. Para os homens, cerveja; para as moças, guaraná e pipoca, que depois foi cortada porque o barulho prejudicava a leitura. Além de Mário e Oswald de Andrade, se corresponderá com o também ficcionista Érico Veríssimo; amizade que surge quando ela e colegas do Curso de Direito da Faculdade do Largo de São Francisco organizam uma visita do escritor a São Paulo. Começava ali uma cordial amizade, desdobrada numa intensa correspondência com o escritor e sua esposa Mafalda; relação que se estenderá ao filho do casal, Luis Fernando Veríssimo.

Ao lançar seus primeiros livros na década de 1940, Lygia Fagundes Telles é associada à Geração de 45, grupo de escritores – poetas João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo, além dos ficcionistas João Guimarães Rosa, Clarice Lispector (que se lança em 1944, com o romance *Perto do coração selvagem*), Fernando Sabino e Lúcio Cardoso, entre outros – cuja marca é a visada introspectiva influenciada pelo existencialismo do pensador francês Jean-Paul Sartre; uma geração que adiciona questões sociais (destacadas com a chamada Geração de 30, cujos nomes principais são Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Érico Veríssimo) às “questões do eu”, numa literatura de âmbito psicológico, em narrativas ambientadas nos grandes centros, com personagens que vivem em meio ao caos urbano, à so-

lidão, à violência e a relacionamentos amorosos tormentosos.

Em 1954, Lygia lança o romance *Ciranda de pedra*, considerado o marco inicial da autora. O livro conta a história de Laura, que trai o marido Natércio e tem uma filha com o amante Daniel, chamada Virgínia. Aos poucos, Laura irá enlouquecer. Virgínia assiste então à loucura da mãe, confinada numa casa. Laura vê raízes crescendo em suas mãos, atormentada por ter traído o marido. Sozinha e abandonada pela família, acabará morrendo. Na segunda parte, Virgínia enfrenta as hostilidades de suas meio-irmãs Otávia e Bruna.

Ciranda de pedra prossegue atual por refletir, nos comportados anos 1950, sobre temas como o adultério e a loucura de Laura; a impotência de Conrado e a homossexualidade de Leticia, além de se centrar nas incertezas e frustrações de Virgínia, que enfrenta o esfacelamento familiar e a desagregação dos valores – marco do seu rito de passagem que se define pela busca por algo mais verdadeiro –, contexto também vivido por Raíza, protagonista do segundo romance de Lygia, *Verão no aquário*, de 1963. O sentimento de desamparo vivido por Virgínia se repetirá em outras personagens da autora ao representar a solidão, a rejeição, a culpa, mas também a coragem e a busca por liberdade femininas que Lygia tanto admira.

A crítica da época chama atenção para alguns temas recorrentes, como questões psicológicas, relação homem/mulher e a decadência da burguesia, entre outros. No ensaio “A nova narrativa brasileira”, incluído no livro *A educação pela noite e outros ensaios*, Antonio Candido define *Ciranda de pedra* como “marco de sua maturidade literária”. Em carta, o poeta Carlos Drummond de Andrade afirma: “*Ciranda de Pedra* é um grande livro, e você uma romancista de verdade, eis, em resumo, o que tenho a dizer-lhe depois de ler seus originais com interesse que não excluía o espírito crítico e se foi convertendo em emoção de leitor fascinado pelo texto. Contando com grande fôlego, dispondo cenas e episódios com segurança de quem sabe o que está fazendo, criando realmente pessoas vivas e não simples personagens, você compôs um livro perturbador, que nos prende e nos assusta, que nos faz sofrer e ao mesmo tempo nos oferece o remédio compensador da própria arte”.

Assim como *Ciranda de pedra*, a protagonista de *Verão no aquário* é uma jovem, a tradutora Raíza. O que a aproxima de Virgínia é a insatisfação e desconforto que vem da rejeição familiar, mas também da sua falta de adaptação ao mundo e às pessoas, daí trocar constantemente de amores, percorrendo festas e relações fugazes. Ao descobrir a impotência de Conrado, Virgínia decide viajar e deixar a casa de Natércio, enquanto Raíza enfrenta a mãe, a escritora Patrícia, insinuando que esta mantém um caso amoroso com o seminarista André. Aos poucos, tanto Virgínia quanto Raíza percebem a frustração de suas vidas e tentam mudar.

O período de lançamento de *Verão no aquário* coincide com o início da união de Lygia com o crítico de cinema e professor da Universidade de São Paulo, Paulo Emilio Salles Gomes. Ambos pertenciam a grupos de escritores e intelectuais paulistas. Ela, da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; ele, da Faculdade de Filosofia da USP. Paulistano nascido em 1916, filho de médico sanitarista, Paulo Emilio concluiu o ginásio no Liceu Nacional Rio

Branco e, tão logo iniciou o curso preparatório para Medicina, tornou-se militante da Juventude Comunista. Ainda muito jovem, integrou a Aliança Nacional Libertadora, escreveu artigos para o jornal *A Platéia* e para a revista *Movimento*, junto com o crítico de teatro Décio de Almeida Prado. Com ele e Antonio Candido criaram a revista *Clima*, que marcou época. Paulo Emilio travou grandes lutas (tanto de forma teórica quanto em ações práticas) em defesa do cinema brasileiro, ajudando a criar o primeiro Clube de Cinema da cidade e atuando como conservador da filmoteca do MAM, germe da Cinemateca Brasileira. Autor de livros como *Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento* e da biografia *Jean Vigo*, ele é referência fundamental na forma de se pensar filmes como *Deus e o diabo na terra do sol* e *Terra em transe*, de Glauber Rocha, um dos diretores mais inventivos do Cinema Novo.

Em 1970, Lygia lança o livro de contos *Antes do baile verde*, reunindo diversos contos publicados em livros anteriores e que tratam da relação homem/mulher, além do chamado realismo fantástico. O conto que dá título ao livro venceu na França o Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros, após ter concorrido com 360 originais de 21 países. A história aborda o sentimento de culpa de Tatisa, que se prepara para festejar o Carnaval enquanto o pai agoniza. Ele vai morrer ou está apenas enfermo? É a questão em que se debatem Tatisa e sua empregada. Enquanto esta a ajuda a vestir-se para o baile de fantasia, Tatisa se pergunta se deve ir ou não, envolvida pela expectativa da festa, mas temerosa com a saúde do pai. O destaque de *Antes do baile verde*, assim como boa parte da ficção lygiana, são as relações humanas e seus desencontros, em contos como “Os objetos”, “O moço do saxofone”, “Um chá bem forte e três xícaras”, “O menino”, “As pérolas”, “Natal na barca” e “Venha ver o pôr-do-sol”. Esta história trata de um convite feito pelo jovem Ricardo a uma ex-namorada, Raquel, para assistir ao pôr-do-sol num cemitério abandonado. Em meio a declarações de amor, ele a aprisiona e a abandona. O conto explora a perversão, crueldade e inveja da parte de Ricardo ao saber que Raquel namora um homem rico. Eis uma constante em Lygia: personagens ambíguos que oscilam entre o bem e o mal.

No início da década de 1970, Lygia vê chegar em casa jovens de mochila discutindo questões em torno do cinema, do teatro e literatura. No apartamento do casal Paulo Emilio/Lygia é frequente a visita de diretores como Glauber Rocha, Jean Claude-Bernadet, Paulo César Saraceni, Rudá de Andrade e muitos outros. A movimentação é intensa e decerto se refletirá em seu novo livro, o romance *As meninas*, de 1973, sua obra mais lida e comentada. O livro conquista enorme apreço por parte da crítica e rapidamente alcança a lista dos mais vendidos.

Boa parte de *As meninas* se passa no Pensionato Nossa Senhora de Fátima, coordenado por religiosas. As protagonistas do romance são três jovens universitárias que de certo modo representam a sociedade brasileira da época no contexto da ditadura militar, a partir de três experiências bastantes distintas – a romântica Lorena Vaz Leme, a guerrilheira Lia de Melo Schultz e a modelo Ana Clara Conceição.

Considerado pelo escritor Ricardo Ramos como um dos registros mais contundentes na ficção que retrata a ditadura militar, escrito e lançado em plena vigência da ditadura militar, *As meninas* registra uma posição clara de recusa ao regime por parte da autora, que não se engajou apenas na ficção. Em 1976, Lygia integrou um grupo de escritores e intelectuais que foram à Capital Federal entregar o Manifesto dos Mil, abaixo-assinado em que 1.046 intelectuais (Antonio Candido, Cícero Sandroni, Chico Buarque de Hollanda, Dias Gomes, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Amado, José Louzeiro, Paulo Emilio Salles Gomes e Rubem Fonseca, entre outros) pediam o fim da censura. Lygia seguiu para Brasília com um grupo a fim de entregar a lista ao então ministro da Justiça, Armando Falcão, mas sequer foram recebidos. Esse episódio está relatado em seu livro *Conspiração de Nuvens* (2007): “Ano de 1976, presidente Ernesto Geisel. Ditadura militar, plenitude dos Anos de Chumbo. Muitos professores cassados, muitas prisões nos porões do DOI com os presos políticos torturados até a morte, o horror, o horror no auge do desrespeito aos direitos humanos na aspiração da verdade e da justiça. Paulo Emilio e eu passávamos as férias numa tranqüila fazenda da família de Décio de Almeida Prado em Olympia, interior de São Paulo. Fim de tarde. Conversávamos na espaçosa sala do casarão quando tocou o telefone, o interurbano era para mim. Com dificuldade ouvi a voz de Rubem Fonseca falando do Rio, Fala mais alto, Rubem, mais alto! eu pedia e ele repetiu, eu estava sendo chamada para fazer parte de uma pequena comissão de escritores que iria a Brasília entregar ao ministro da Justiça Armando Falcão um manifesto contra a censura”.

Seminário dos ratos, livro de contos de 1977, amplia ainda mais essa abordagem essa abordagem em torno da sociedade brasileira do período, algo até então inédito em Lygia, uma vez que sua obra se sustentava em duas vertentes – desencontros de relacionamentos homem/mulher e histórias em torno do fantástico, como “A caçada”, “A mão no ombro”, “O noivo”, “WM”, “As formigas”, entre outros, que têm como mote o mistério e a morte. Cada vez mais próxima de temas sociais, a autora alarga ainda mais sua inserção junto aos excluídos, conforme vemos nos contos “Pomba enamorada”, “Senhor diretor” e “O x da questão”. Mas sua marca prossegue, como a exploração das relações humanas em histórias que mesclam mortes, traições e culpa.

1977 é o ano da morte do companheiro Paulo Emilio. Após lutar pela manutenção e reforma do prédio da Cinemateca Brasileira e de lançar o elogiado romance *Três mulheres de três Pppês*, o crítico de cinema morre de enfarto em 9 de setembro, aos 60 anos. Certamente as dificuldades em erguer uma Cinemateca nos moldes da francesa, pela qual tanto lutou, e o fato de se deparar com a realidade nacional, marcada pela censura e autoritarismo, o atingiram duramente, como sugere o biógrafo José Inácio de Mello Souza em *Paulo Emilio no Paraíso*. A ausência do companheiro que enalteceu o cinema brasileiro será muito sentida pela escritora.

Lygia realiza um primeiro balanço de vida em textos curtos, mas ligados entre si. Ao escrever sobre sua vida, processo de criação e questões como o uso da pílula e profissionalização

do escritor, isso quando o regime militar começa a enfraquecer ela dá um novo enfoque na sua obra. *A disciplina do amor*, de 1980, é o primeiro livro da autora a mesclar memória e ficção. De qualquer forma, ela não escreve exatamente suas memórias. A intenção é contar episódios da sua vida entremeados com ficção. Os seja, para Lygia tudo é matéria de ficção, inclusive a própria vida.

Lançado em 1989, o quarto romance, *As horas nuas*, traz uma inovação. Pela primeira vez, a protagonista de um romance seu não é jovem. Trata-se de Rosa Ambrósio, atriz decadente que passa seus dias em meio a lembranças ditadas num gravador. Rosa vive com a empregada Dionísia, a Diú, a filha Cordélia, que costuma se envolver com homens mais velhos e que raramente a visita, a psicanalista Ananta Medrado, sua vizinha, e, por fim, um outro personagem que tem grande importância no livro, seu gato Rahul, felino que passa boa parte do romance, assim como a atriz, rememorando vidas passadas, avaliando atitudes e desilusões amorosas. Rahul mantém um espantoso “diálogo” com a atriz. Irônica, Rosa ri de si própria em meio às lembranças de enquanto espera um grande amor lhe telefonar.

Em 1995, a autora lança um novo livro de contos, *A noite escura e mais*. Num deles, “Dolly”, há uma personagem vivendo no ano de 1923 diante do desejo de fama e prestígio prometidos pelo cinema. Dolly lembra outra personagem da autora, Ana Clara, do romance *As meninas*. Ambas são jovens, belas, falam rápido, se drogam e almejam o sucesso a qualquer preço e, talvez por isso, acabem de forma trágica. A memória aparece no conto “Papoulas em feltro negro”, história que narra o reencontro de uma aluna com uma antiga professora que está morrendo. O tema reafirma uma constante na obra de Lygia. Outra constante: a morte entremeadada com o fantástico, como no caso do conto “Anão de jardim”, narrativa que encerra o livro, um relato da “morte” de um anão a picaretadas. Em dois contos de *A noite escura e mais* eu há a abordagem da homossexualidade, algo que não é exatamente uma novidade em sua obra, já abordada em *Ciranda de pedra*, com a personagem Letícia. Os contos são “Você não acha que esfriou?” e “Uma branca sombra pálida”. No primeiro, há um “triângulo amoroso” em que Kori fracassa ao tentar seduzir um homem apaixonado pelo seu marido. Já o segundo trata da visita de uma mãe tomada pela culpa ao túmulo da filha que se suicidou. No seu entender, sua filha Gina vinha mantendo uma relação amorosa com Oriana, uma amiga da faculdade. Pressionada, Gina se mata. Em entrevista, Lygia afirmou: “Nunca tive preconceitos, mesmo na época em que eram bem mais fortes. Isso é muito bom para a escritora, de poder lidar com qualquer tema com verdade. Veja na destinação do ser essa esplêndida liberdade. Num planeta tão difícil será que também o sexo deve pesar? Ora, é muita dificuldade a ser enfrentada. Além dessa nossa condição, somar a questão da preferência sexual?”.

No século XXI é chegado o momento de a autora retomar o passado. Seus livros mais recentes são marcados pelo registro autobiográfico, histórias em torno da infância e da juventude, lembranças de amigos, de escritores e relatos de viagens. São obras memorialistas mescladas, mas também criadas, inventadas – *Invenção e memória* (2000), *Durante aquele*

estranho chá (2002) e Conspiração de Nuvens (2007) formam uma trilogia que mescla memória e ficção. Nesses livros, há histórias fictícias, além dos seus encontros e laços de amizade com Jean-Paul Sartre, Jorge Luis Borges, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Monteiro Lobato e Clarice Lispector, além de discorrer sobre a literatura escrita por mulheres e os poetas românticos (Castro Alves, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo) que Lygia lê desde a adolescência.

Nesses livros há muitas lembranças, como a antiga pressão feita às mulheres pela virgindade e para se casarem, conforme ela conta em “Nada de novo na frente ocidental”, de Invenção e memória: “A Segunda Guerra Mundial estava quase no fim, o planeta enfermo sangrando e uma frase muito na moda nestes trópicos, O preço da paz é a eterna vigilância! Ora, se a paz (com toda a ênfase no ponto de exclamação) já estava mesmo perdida, o importante agora era não perder a virgindade e disso cuidava a minha atenta mãe: o mito da castidade ainda na plenitude, nem o mais leve sinal da bandeira feminina hasteada nestas palmeiras”.

Em 2007, Lygia retoma o passado no seu quarto livro, híbrido de ficção e memória. Em Conspiração de Nuvens, mais uma vez a autora reconta a própria vida falando de escritores amigos como Erico Verissimo e do companheiro Paulo Emilio. As lembranças da infância estão em “A quermesse”; a juventude aparece em “Fim de primavera” e “A farda”. E o relato de viagem fica por conta de “Tunísia”. Ao lado desses, há os contos “O trem”, “Eu voltarei”, e “Era uma noite fria”. Mas vale ressaltar que o ponto de vista é sempre o da ficcionista que não distingue contos de episódios reais. Tanto contos quanto depoimentos costumam “acabar” com “finais abertos”, ou seja, todos escapam do esquema começo-meio-fim.

O “microcosmo” urbano, em particular, paulista, é o espaço mais recorrente da literatura lygiana, isso porque no seu caso São Paulo é a urbis caótica, cidade pulsante que perdeu sua tranquilidade cotidiana devido ao progresso desenfreado e ao individualismo exacerbado, talvez por isso a capital paulista que emerge em seus escritos é a cidade modernista, repleta de cafés, livrarias, leiterias, espaços onde ocorriam saraus frequentados por homens e mulheres que tomam chá às cinco da tarde. Uma São Paulo que não existe mais.

Grande parte da literatura lygiana reflete esse contexto de transição entre tradição e progresso, que resulta em deterioração dos costumes à medida que grande parte de suas personagens se desencontra, travando constantes embates de relacionamento e familiares. Essa é uma das principais marcas da narrativa lygiana: O registro ficcional da natureza humana, flagrantes da passagem da cidade-província, acolhedora, humana, dos jardins, das praças, dos bosques, enfim, uma cidade que se confundia com o campo e que decaía com arranha-céus, selva de pedra que esbanja projetos urbanísticos e persegue a modernidade a todo custo. Segundo Lygia: “A cidade mudou completamente. Não é mais aquela cidade em que eu ia andando para a Faculdade de Direito, atravessava o viaduto do Chá tranqüilamente, onde andavam homens elegantíssimos de chapéu. Era uma cidade tranqüila, quase pacata; nunca ouvi a palavra violência nesse período. Não havia o medo”.

A literatura de Lygia Fagundes Telles possui um sentido de libertação porque a toda hora podemos nos ver nos preconceitos das suas personagens. A indiferença, o racismo e elitismo estão na sua obra servindo de espelho para nós. Chega a ser arriscado restringir sua literatura em uma linha temática, isso porque são muitas vertentes, ambientadas no microcosmo urbano, onde temas como solidão, loucura, morte, sonho, choque de gerações e mudança de costumes são algumas de suas marcas. Lygia expõe nossos medos, desejos e dualidades, evidenciando que somos capazes dos atos mais cruéis e grandiosos.

Uma obra que se firma ao descrever situações humanas bastante plausíveis: o ex-namorado que leva a namorada e a trancafia num mausoléu (“Venha ver o pôr-do-sol”); a mãe que trai o marido numa sala de cinema às vistas do filho (“O menino”); a mulher que provoca o suicídio do amado (“Apenas um saxofone”); o homem que rouba a perna mecânica da mulher na noite de núpcias (“Helga”) e tantos outros são exemplos de histórias demasiadamente humanas. Membro da Academia Brasileira de Letras, vencedora do Prêmio Camões e do Jabuti por cinco vezes, Lygia Fagundes Telles desnuda as relações, sobretudo as tomadas pela hipocrisia, pequenas crueldades cotidianas. Com suas personagens, expõe crueldade, egoísmo, ciúme, inveja, tornando-as muito próximas de cada um de nós.

SUÊNIO CAMPOS DE LUCENA (BAHIA/PARAÍBA) - Professor Adjunto dos Cursos de Letras e Comunicação Social da UNEB – Universidade do Estado da Bahia. É jornalista, escritor e doutor em Letras pela USP, com tese defendida em 2008 sobre a obra de Lygia Fagundes Telles. Da autora, organizou os livros *Durante aquele estranho chá* (2002) e *Conspiração de Nuvens* (2007). Publicou os livros *21 escritores brasileiros* (2001) e o livro de contos *Depois de abril*.

Alma não tem cor

Por Mayara Silveira

O Ensaio fotográfico que, neste número da Revista Blecaute, se desnuda é resultado de um trabalho acadêmico realizado por Mayara Silveira e uma entrosada equipe. Permeado por temas como diversidade, feminino, etnia, nu artístico, cores... e, principalmente, sensibilidade é que se postula o “Alma não tem cor”. Na seleção que ora se expõe consta oito fotografias que “usam” o corpo nu como suporte para a comunicação entre almas, um diálogo entre miscigenação e a miscelânea de cores portadora de uma prazerosa metáfora artístico-social.

Com sua câmera, Mayara, enquadrou: *“A diversidade étnica [que] traz grande variedade de cores, formas corporais e beleza. Com o objetivo de explorar tal diversidade, assim como de exaltar a beleza feminina”* e, no momento exato do clique, acertou a essência da beleza-sensual de nosso povo, sobretudo das mulheres.

Ainda usando as palavras de seu projeto acadêmico a artista expressa um pouco da metodologia: *“foram realizados ensaios fotográficos conceituais, nos quais quatro modelos de diferentes etnias tiveram suas diferentes belezas ressaltadas a partir da utilização do Nu Artístico – estilo enquadrado na arte fotográfica – associado à Pintura Corporal.”* E continua expondo um pouco das referências: *“O trabalho buscou, inspirado na música Alma Não Tem Cor (André Abujamra), destacar o que há de mais bonito na mulher, como um todo, assim como os traços mais marcantes de cada modelo (ou etnia) fotografada, de forma delicada e levemente sensual.”*

O resultado você pode conferir nas próximas páginas!

Flaw Mendes

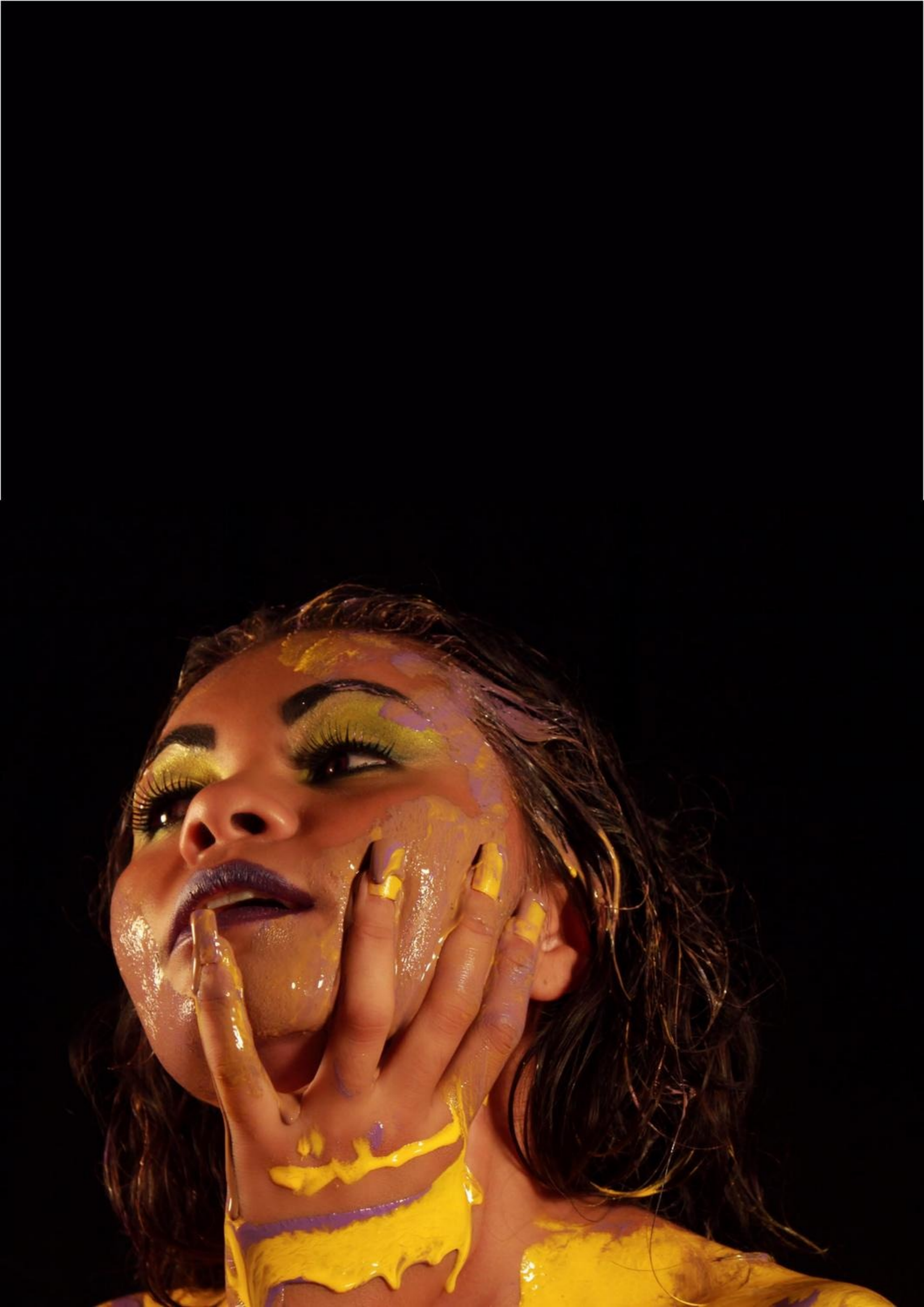
Como forma de introduzir o espectador no universo abordado pelo projeto, foi criado o blog projetoalmanaotermcor.blogspot.com, onde os espectadores podem ter acesso às novidades acerca dos temas representados, informações sobre a pesquisa, fotografias e acesso ao livro still com depoimentos e imagens dos bastidores do projeto.





CRISTIANE LEANDRO





GISELE DUTRA





NATASHA DANTAS







Ficha Técnica

Direção:

MAYARA SILVEIRA

Fotografia:

ÉMELLY BETÂNIA
MAYARA SILVEIRA

Still:

HIANNAY TUPYARA

Produção:

PRISCILLA GIBSON
KATARINA CASTRO
CLARISSA SANTOS

Release:

KATARINA CASTRO

Arte:

ALANA ALCÂNTARA
MAYARA SILVEIRA

Cabelo e Maquiagem:

INÊLDA DE CRISTO

Logomarca:

CHATEAUBRIAND ALMEIDA

Modelos:

ALANA ALCÂNTARA
CRISTIANE LEANDRO
GISELE DUTRA
NATASHA DANTAS



MAYARA SILVEIRA (PORTUGAL/PARAÍBA) Bacharelanda em Arte e Mídia pela UFCG, atua artisticamente com a dança e as artes visuais. Atualmente vive em Lisboa-Portugal fazendo intercâmbio acadêmico em Dança na Universidade Técnica de Lisboa. Blog: <http://mayarasilveiraa.blogspot.br>

DE HERCÍLIA FERNANDES

Vasta Especificação

qualquer palavra
tentativa de definição
parece demasiada-
mente vaga
quando o sentimento
é vasto
concomitantemente
especifica ação

miúdas são as letras
que, em nós, se inscrevem
nos impelem a ser.tão



Vela Mar

as palavras mais belas
vieram turvas alíneas
também as cores
das coisas que não ousamos
verbo criar

toda expressividade
se revestiu de silêncio
assim como os sonhos
possivelmente críveis
à mercê das ondas
onde vela mar

Amor Medonho

não foi um sonho...
havia mangueiras, goiabeiras, roseirais
açude, parede, casas na ribanceira
onde lençóis flutuavam
nos varais

não foi um sonho...
havia um homem, uma mulher
arvoredos e cânticos de pardais
um amor medonho nas colinas, no lajedo,
nos postais



Salmos

ela está para ele
assim como ele para ela
não tarda serão uno:
sertão cerrado

e os beijos serão possíveis
os pecados puros como salmos
suas línguas fundirão
céu inferno

Manhã

ela [a poesia] não me pertence
[sequer me deseja provar]
parte madrugada à deriva
galo canta:

hora de acordar

Nada Há Que Ser Dito

ele escuta silêncio
o sentido de não palavras: das negativas às afirmações
compreende a longevidade nas pausas pela brevidade da demora
sabe que, entrelinhas, há uma ponte cujas águas vêm de fonte cristalina
e há, ainda, a chama o chamado e a bruma
a névoa que recobre floresta e habita pássaro
e o pássaro voa noite adentro e se esconde no tardar dos primeiros raios
porque jaz o sol, ele vem de outra ordem...

HERCÍLIA FERNANDES (PARAÍBA/RIO GRANDE DO NORTE). Autora do livro *Nós Em Miúdos*, publicado pela Editora Patuá, difunde a sua poesia no blog HF diante do espelho. Em sua trajetória literária, publicou dois livros individuais com apoio do SESC-RN, participou de antologias, organizou e integrou a obra *Maria Clara: uniVersos femininos* (LivroPronto: 2010), prefaciou e posfaciou livros de poemas. Pedagoga, Mestre e Doutoranda em Educação (PPGE/ UFRN), dispõe de artigos publicados em livros, periódicos e anais de congressos. Professora efetiva da Universidade Federal de Campina Grande, na cidade de Cajazeiras-PB.

BLOWJOB

Por Roberto Menezes

Procuro uma mulher, entre todas as mulheres ao meu redor, não acho que é coisa difícil, talvez não encontrado ainda seja só falta de sorte. Uma mulher não tão nova, não quero delicadeza, cheiro de leite, aparelhos dentários. Uma mulher não tão velha, não quero me perder em tantas rugas, em tantas farsas. Quero uma mulher que faça com toda a vontade do mundo, sei que uma foca amestrada poderia fazer coisa igual, porém quero uma mulher, quero uma mulher que faça, sem freios nem arreios, um boquete, um longo e demorado boquete, que dure pelo menos vinte e três minutos.

Não posso estar sendo justo quanto à escolha dessa duração. Científico não estou sendo, admito. Sou ser empírico, falo por falar, essa quantia miserável de tempo. Além de ter um grande espírito de porco, sou precavido: antes dure, antes se prolongue do que a boca da dita canse. Não quero que ela comece a usar a mão, feito uma ordenhadora de quinta categoria, pra adular o meu pau. Não quero que ela comece a mexer freneticamente o meu pau, com seus cinco dedos de deus, pra que ele jogue logo pra fora toda a gala rala. Não quero um handjob, seco e repleto de calos. Quero um blowjob molhado de uma boca enclausurada. Quero que na hora que eu venha a gozar, a coisa toda se extravase na cara ou na garganta dela, feito um tiro de doze de canos serrados. Quero uma filha da puta que não improvise, e nessa hora do fim, seja fria o bastante pra não cerrar os olhos com medo do encontro terrificante com minha porra.

Essa mulher, em nenhuma hora, tirará os seus olhos dos meus, a cor deles pouco me importa. E de quando em quando, sua face fará assim bruscamente uma série de pequenos espasmos, involuntários espasmos, seus dentes morderão sem jeito o pé do meu pau, não doerá, pelo contrário, me levará às alturas. Essas mordidas sem calibre me deixarão entusiasmado e ansioso pelas próximas. Se será aqui ou ali. Com que força? Com que dentes? Se com os incisivos, se com os molares. Sem improvisos, mordidas aleatórias. Nada de bandeja, nada calculado. Não espero que essa mulher use dos seus cálculos, seus temores. Até hoje só encontrei essas miseráveis calculistas, sentimentalistas e economistas. E cheguei a pensar que a mulher sem cálculo não existiria, já cheguei a pensar, confesso. Mas, sim, essa mulher existe. Está por aí, basta achar. Tenho que achar, sem ela, minha vida é uma miserável, dolorosa e sem rumo espera. Um mundo de ensebadas barbas pontiagudas roçando a parte de baixo do meu queixo.

A mulher que encontrarei, com certeza encontrarei pois ela lerá o rodapé da minha busca nos classificados; essa mulher tem um tumor no cérebro, não um tumor no cérebro com ponto final, não um tumorzinho carocinho de uva que faça só córcegas e que seja legal pra contar aos netos, feito uma bala lembrança de batalha. Ela verdadeiramente carrega em sua cabecinha de repolho um câncer do tamanho de um sapoti. Um câncer que se acomoda naquele cérebro fajuto. Esse câncer faz a donzela sentir dores o tempo tempo o tempo todo que ela implora

aos santos pra morrer. Ela nem consegue abrir os olhos direito, um músculo repuxa e aperta e fode mais ainda com o sofrimento daquela mulher. Ela quer morrer, ela quer se matar. Mas não morre, não se mata. Sabe por quê? Essa moça tem fé que algo a salvará do tormento. E quem irá salvar essa mulher? Essa é fácil. Quem salvará ela, ela logo saberá, será a cabeça do meu pau durante os vinte e muitos minutos de quase sufocação. Nesse momento ela arregalará os olhos como nunca fez. E a dor arreganhada vai me dar e dar a ela um deslumbramento magnífico.



Quando ela mergulhar incrédula sobre o meu pau, esses olhos brilharão e não apagarão por nenhum segundo; não será o primeiro pau que ela chupará, todas já nascem chupando, chupam a grande parte do tempo; enquanto não estão reclamando da vida, as mulheres estão chupando. Com certeza, sem sombra de dúvida, esse não será o seu primeiro pau, mas, esse, sim, esse será o seu pau. Já disse a letra do blues: pra toda boca haverá um pau, essa é única certeza que temos na vida. Quando engatar seus dois lábios sobre minha glande, a delícia que testemunharemos espantará as dores, espantará feito galinhas fugindo de um cachorro fanfarrão, não haverá nada mais esplendoroso em toda via láctea. Só os espasmos colaterais dos músculos de sua face contestarão e ficarão pra mostrar que no fundo no fundo essa moça é

uma fudida; que não durará nem três dias viva depois dos trinta e poucos minutos da chupança monumental; e não haverá esperança nem nessa, nem em outra galáxia.

Portanto, ela dará tudo de si nesse momento. No raciocínio besta dela, desenvolver este boquete será uma tentativa de realizar algo realmente digno em sua vida de merda. Essa moça é uma coitada, uma perdida, vergonha da mãe e do pai, nunca aprendeu a bordar, nunca aprendeu a amar, nunca aprendeu a procriar. Esse manifesto sobre minha genitália, pra ela, será a sua grande obra, sua pietá. Se fosse possível ela deixaria pra eternidade. Quantas coisas assim feitas entre quatro paredes ficariam lindas penduradas perpétuas no Louvre? Talvez ela, coitadinha, peça pra eu gravar, fazer um filminho, uma sextape, pra soltar na rede, mil e um acessos a cada minuto. Mas não sei. Acho que não. Ela não seria capaz de fazer tal pedido: o câncer daqui pra lá já haverá lhe roubado a voz, a audição e a visão. Sim, ela será uma derrota de uma paciente terminal chupadora de picas diversas. Sim, será por acaso que aqueles olhos de coisa nenhuma me olharão, como também não verão a cara que farei pra ela: pra mim ela é o pior espécime que a espécie humana pôde fazer, porém estarei feliz de estar ali. Torço para que ninguém nunca saiba do meu comportamento, meu mau comportamento. Nem que eu a leve pro quinto dos infernos, quero paz e sossego durante os sessenta minutos do meu boquete, quero paz e sossego pra gritar à vontade, a esbravejar tudo o que for preciso ali. Ali esquartejarei todas as minhas vontades e dois terços de minhas necessidades.

Falo assim, mesmo sabendo que, na hora, tudo possa ser diferente. Talvez eu trave, não abra a boca, eu caia de olhos arregalados como se fosse picado por heroína. Não sei. Nem sei se terei vontade ou coragem de perguntar o nome dela. Inventarei, melhor assim. Quero aproveitar, espero que aproveite cada segundo, olhos nos olhos, ali não sentirei dor nenhuma, o meu pau em valsa com sua boa em repetidas involuntárias contrações, uma valsa lenta, dois pra lá, dois pra cá, venha cá amor, vem comigo, vem sentir até que eu...

40 GB.

Por Valdênio Freitas

Meu vizinho anda muito triste. Ainda não há dados oficiais, mas, ao que parece, este morador do meu bairro perdeu os 40 GB de pornografia que tinha em seu computador. Se no livro Moby Dick todos temem a cor branca da ameaçadora baleia gigante, aqui o medo teve lugar na matiz azul. Tudo começou com a aparição da tela celeste que vez ou outra vem para assombrar os computadores. Após reiniciar a máquina tudo parecia normal, mas meu vizinho percebeu que precisava salvar todo o seu acervo de putarias.

Em missão digna de um Noé da pornografia, ele segue madrugada adentro atrás de todo tipo de dispositivo móvel para salvar o que fosse possível antes do Dilúvio profetizado na temida Tela Cérulea. Uma corrida atrás de pendrives, CDs/DVDs virgens até mesmo disquetes. Se fosse preciso, mataria alguém por um HD externo: uma verdadeira Arca que salvaria todos aqueles registros de vídeos e imagens de casais humanos. Aposto que meu vizinho havia feito downloads de todas as categorias possíveis que todo bom pai de família – que vai às quartas e domingos com esposa e filhos para igreja – aprecia acessar em sites pornô.

E ficou tudo Azul de novo, e dessa vez o computador não mais voltou a funcionar. Não dormiu nada o resto da noite e logo cedo levou a CPU para uma oficina de informática. Dentro de dois dias veio a informação de que havia dado perda total no disco rígido. Neste momento, não se sabe bem o que aconteceu dentro de sua cabeça. Talvez imaginou – se sobrevoando uma enorme planície azul em que milhares de casais humanos acasalavam de várias formas e posições e, ao mesmo tempo, davam adeus ao meu vizinho.

Passou o resto da semana perdido em memórias. Algo como uma nostalgia masturbatória bateu nele. Apontava para nossos amigos na rua e dizia “essa atual geração de jovens possui matéria-prima pra se divertir fácil demais, bom era nos meus tempos em que ficava escondido, espiava as primas, tias, amigas da irmã ou roubava revistas das bancas”.

Certa vez José Saramago disse que “é ainda possível chorar sobre as páginas de um livro, mas não se pode derramar lágrimas sobre um disco rígido”. Infelizmente, o grande escritor português não está vivo para ver este vizinho vertendo lágrimas sobre a peça do HardDisk que antes abrigava toda a sua diversão contra a monotonia diária.

VIVA O POVO BRASILEIRO?

Por Rozeane Albuquerque Lima

No próximo ano, em 2014, a obra *Viva o Povo Brasileiro*, escrita por João Ubaldo Ribeiro, completará 30 anos. Este tempo histórico em uma sociedade globalizada e informatizada, possibilita o acesso a muitas informações e estas, quando transformadas em conhecimento, geram transformações. A reflexão sobre o que é o povo brasileiro, de onde veio, qual o seu passado comum, está presente ao longo de toda obra, e muito do que é posto no livro ainda participa do debate acadêmico atual.

Pretende-se pois, uma reflexão sobre as continuidades e rupturas no debate sobre identidade nestes 30 anos, tendo como fundamento e argumento principal este texto literário, considerado um dos mais importantes do autor e que dialoga com a história, quer no sentido de reforçar elementos formadores do povo brasileiro cristalizados à época da edição, quer no sentido de desnaturalizar (como uma escovação a contrapelo) o que se considerava elemento fundamental na composição e na explicação da origem deste povo em 1984.

Escritor reconhecido internacionalmente, com obras traduzidas para vários idiomas, João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (também jornalista, roteirista, professor e membro da Academia Brasileira de Letras) tem os seus textos literários marcados pela presença de elementos culturais, sociais, políticos, econômicos, ambientais, e notadamente por ações do cotidiano da população brasileira, com ênfase à baiana (da Ilha de Itaparica e do Recôncavo Baiano). O recorte espacial se justifica por seu nascimento: Baiano, da Ilha de Itaparica, este lugar de fala está presente em vários momentos de seus textos. As obras apontadas pela crítica como as principais em sua carreira são *Sargento Getúlio* (1971) *Viva o Povo Brasileiro* (1984) e *O Sorriso do Lagarto* (1989).

Entre *Sargento Getúlio* e *Viva o Povo Brasileiro* 13 anos se passaram e o debate sobre a identidade nacional foi recheado pelo contexto histórico dos anos 1970 e 1980. 1970 foi a década do milagre econômico, do crescimento das cidades, da industrialização, do aumento do poder aquisitivo da população e conseqüente aumento do consumo, aliados ao momento de ditadura, incentivador de uma rebeldia criativa (vide os festivais de MPB), e pelos reflexos dos acontecimentos de 1968 na Europa. Na década de 1980 o Brasil vivencia o processo de redemocratização, com o fim da ditadura militar. Todos estes eventos influenciaram o meio acadêmico e João Ubaldo Ribeiro não vive este período imune aos acontecimentos:

Os elementos que dão liga à identidade de um povo, que fazem o ser brasileiro, são reforçados ao longo da luta contra a ditadura militar, da visão do Brasil como um país rico em recursos naturais e estes capazes de provocar o boom econômico da década de 1970, da participação dos intelectuais no processo de redemocratização iniciado na década de 1980. Afinal, o que é o Brasil, e quem é o povo brasileiro, qual a sua origem?

Viva o povo brasileiro é um esforço audacioso empreendido por João Ubaldo Ribeiro em uma obra de ficção, um romance histórico iniciado em 1982 e publicado em 1984, para contar a saga do povo brasileiro em quase 700 páginas cujo recorte temporal cobre desde o século XVII quando da chegada dos holandeses à Bahia, até a década de 1970 do século XX, trabalhado não linearmente, provocando um efeito temporal de idas e vindas na narração, ilustrada por acontecimentos históricos diversos (Canudos, Independência, Farrapos, Abolição, Guerra do Paraguai entre outros), privilegiando os episódios oitocentistas.

O livro abre caminho para várias discussões interdisciplinares, como é a experiência do próprio autor: Atuando em várias fronteiras, João Ubaldo Ribeiro tende a contestar não apenas a realidade, mas também as limitações que cada campo de saber lhe oferecia. Talvez por isso a opção pela literatura, um texto mais solto, sem as amarras teórico-metodológicas que as ciências exigem e ainda com uma ampla liberdade de expressão.

Utilizando uma redução no modelo de escala, o autor concentra os episódios no espaço geográfico da Bahia, com ênfase à Ilha de Itaparica e ao Recôncavo Baiano. Esta redução metonímica no que se refere ao espaço é bastante simbólica, haja vista a representação da Bahia como berço, como origem da nação. A construção da identidade é um debate que perpassa toda a obra, e os traços culturais, a paisagem (no sentido cultural do termo, como explicitado em Simon Schama), o cotidiano das pessoas, os acontecimentos políticos, a vida econômica da Bahia, servem de base para se criar, tendo como plano de amostragem a população da Ilha de Itaparica e do Recôncavo Baiano, uma identidade do povo brasileiro.

Povo brasileiro é uma personagem em contínua construção ao longo da obra, que precisa ser constantemente definida, precisa de características; João Ubaldo Ribeiro as busca nos seus mais diversos personagens: histórias singulares (indígenas canibais, negros escravos e livres, oligarcas, políticos, portugueses, holandeses), ilustram o todo de uma população em um tom satírico que afasta qualquer tentativa de enaltecimento dos traços identitários que compõem este conjunto popular. Mas não se contam as histórias destes indivíduos de uma forma desarticulada, ela é parte de um todo, é o constante devir de todo um povo que pauta a obra e o épico é usado por Ubaldo Ribeiro para exaltar os “heróis de nossa gente”, heróis com um quê de mágico, e que vão na direção contrária aos heróis proclamados e exaltados pela história. A trama é tecida fazendo um questionamento às fontes que contam a história oficial do Brasil, desnudando as injustiças e os equívocos que a compõem através das ações de suas personagens.

Um aspecto importante que aflora no debate das identidades culturais ou nacionais atualmente, mas que já era uma preocupação de João Ubaldo em 1985 é que elas não são categorias fixas, engessadas, sem mobilidade: são passíveis de transformação, de continuidades, permanências ou mudanças e negociações, inclusive de deslocamentos. Deslocamento este presente na escolha dos personagens que vão ilustrar o “povo brasileiro”: algumas identidades forjadas a partir de ações ou documentos falsos (como é o caso de Perilo Ambrósio, futuro Ba-

rão de Pirapuana, que constrói uma imagem de herói da independência, omitindo e mentido sobre os fatos, sua covardia e fuga dos combates nunca foram descobertas), e os que parecem mais íntegros estavam sempre envoltos por uma narrativa na qual a presença do fantástico era predominante, exemplo desta narrativa é a cena na qual Júlio Dandão fala com Budião, Feliciano e Zé Pinho sobre a Irmandade:

“(...) enquanto falava entre seus rolos de fumaça Dandão ficou maior, muitíssimo maior, mais alto do que a casa que o continha, ficou de todas as cores e expressões, ficou até transparente, ficou úmido como o entrepernas de uma mulher e sabido como a raiz de árvore, ficou uma verdadeira paisagem (...)”. (RIBEIRO, 1984, 211-212)

A visão dicotômica de mundo, herança do pensamento ocidental, pautado nos princípios judaico-cristãos é sentida na trama e na seleção dos personagens, que podem ser analisados em dois grupos principais: os vencedores, quase sempre ocupando esta posição por ações e meios ilícitos, entre eles está Amleto Ferreira, guarda-livros que acumula fortuna desviando mercadorias do Barão para quem trabalhava, para o seu próprio armazém, e se apossando da fortuna restante quando da morte deste. Não lhe bastando, ainda forjou uma certidão de nascimento com a intenção de esconder os laços familiares, os descendentes escravos; e os vencidos, que na obra aparecem envoltos em véus de misticismo, de magia, do encantamento que põe em dúvida os fatos e sua própria existência, um bom exemplo destes são os integrantes da Irmandade da Casa da Farinha.

Atualmente, com a discussão sobre a fragmentação do sujeito associada ao rompimento das fronteiras e transformação dos conceitos de tempo e espaço devido à globalização que nos permite novas formas de comunicação e de interação, temos que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (STUART HALL, 2006, p. 13). Apesar destas ideias terem aflorado após o ano 2000, a obra de João Ubaldo já sinalizava para uma certa fluidez nas identidades, ainda que esta fluidez se pautasse em documentos ou fatos questionáveis.

A forma como João Ubaldo Ribeiro propôs o debate sobre identidade em um livro de ficção, presente em *Viva o Povo Brasileiro* em 1984, ainda é um debate muito atual. Muitos são os cursos de pós graduação no Brasil que se pautam neste tema (Identidade). Sua preocupação em trazer o singular para o discurso do todo, do homogêneo também está presente na atualidade, não apenas o Stuart Hall discute este singular, mas Michel de Certeau, Arlette Farge, e vários teóricos que fundamentam as pesquisas das ciências humanas recentemente.

Inventando um Brasil, João Ubaldo Ribeiro inventa um povo brasileiro, nos inventa, construindo para este grupo uma história, um passado comum, elemento tão corriqueiro nas construções de identidades. O que tem de original em *Viva o Povo Brasileiro* é não apenas o

estilo único do autor, mas também uma tentativa de virar a história oficial pelo avesso, de contar uma anti-história do Brasil, de envolver o leitor com histórias tão fantásticas, mas ao mesmo tempo tão reais, que criam a dúvida da facticidade do acontecimento, dúvida esta muitas vezes criada pela nossa expectativa, pelo nosso imaginário, por nossa vontade de que realmente tivesse acontecido.

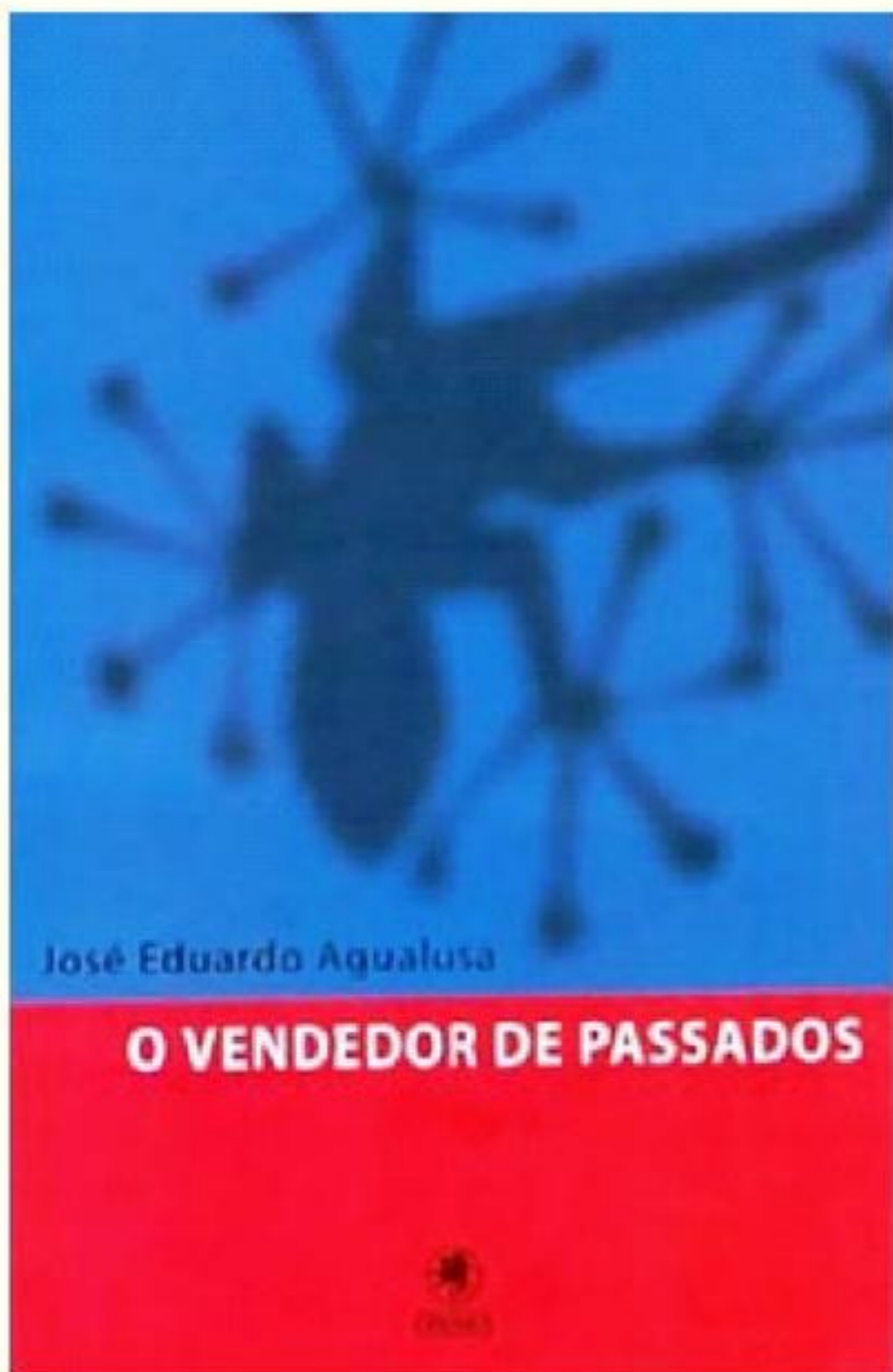
Bibliografia

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FARGE, ARLETTE, Lugares para a História. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as Coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- RIBEIRO, João Ubaldo. O Sorriso do Lagarto. São Paulo: Circulo do Livro. 1989.
- RIBEIRO, João Ubaldo. Sargento Getúlio. 16ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1982.
- RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o Povo Brasileiro. 13ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.
- SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SKIDMORE, Thomas. Brasil: De Castelo à Tancredo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ROZEANE ALBUQUERQUE LIMA (PARAÍBA) – Tem formação em Direito, História e Letras, todas pela UEPB e a especialização em História do Nordeste também pela UEPB. Mestrado em História Cultural pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Por Silvano Fidelis

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.



O valor e a qualidade de um livro não se medem pelo número de páginas que ele traz afinal as palavras podem falar, mas também podem ser portadoras de um vazio. O muito, às vezes traz o pouco. É isso o que penso, quando volto a minha estante e pego um pequeno livro, poucas páginas, mas muitos sentidos, um livro grifado, grifado na folha, mas, sobretudo um livro grifado pela vida, pelas experiências, pela subjetividade, pois o livro cria o seu leitor, parafraseando o historiador francês Jules Michellet. As palavras desse livro são capazes de apaixonar até mesmo as pessoas menos habituadas a leitura, pois ao mesmo tempo em que trazem uma história envolvente, mexem com aquilo que inerente ao homem; a memória, ou a forma como nos rela-

cionamos e como lidamos com nosso passado, mesmo aquele passado amargo, aquele passado que nos remexe com a nossa sensibilidade.

Não seria leviano dizer que “O vendedor de Passados”, é um dos mais belos romances da literatura africana contemporânea. Fruto do pensamento brilhante, e da grande capacidade ensaística de José Eduardo Agualusa, escritor angolano, o livro prende o leitor desde seu início, até as últimas páginas. Parece que ao abrirmos as primeiras páginas do romance, somos arrastados para dentro da história, parece que passamos a fazer parte do cotidiano daqueles personagens que dialogam entre si, tornando a leitura, fácil, fluída e inquietante, inquietante, talvez seja essa palavra que possa definir, ou, ao menos dá os primeiros contornos na vida de quem o lê.

Eulálio e Félix Ventura, principais personagens da história, aparentemente dois seres comuns, como eu, como você, amigo leitor, esses dois sujeitos desde o início da narrativa, estabelecem uma relação profunda, de amizade, e em alguns momentos até de parentesco, suas existências parecem entrelaçadas por fios de vida. Olham-se, dialogam entre, mas, mais do que palavras, o olhar é que dá sentido à história. Tudo se descortina a partir de Eulálio, que olha, a quem nada escapa, ele é sorrateiro, se esconde, se mistura a paisagem par fazer parte dela, afinal é uma osga. Toda a relação é quase um parentesco, uma vida unida a outra, diz Félix: “Péssima pele, a sua. De-vemos ser da mesma família.” (AGUALUSA, 2005, p. 4). E é como amigos

que se cria uma relação de identificação entre eles, segundo o narrador Eulálio: “Conversamos. Ou melhor, ele fala, e eu escuto. Às vezes rio-me e isso basta-lhe. Já nos liga, suspeito, um fio de amizade.” (AGUALUSA, 2005, p. 5).

No final da leitura, podemos nos perguntar. De que forma eu me relaciono com meu passado? Então, inquietamo-nos...



Por Sabrina Bezerra

FAUSTO, Boris. **O crime do restaurante chinês, carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

O autor da obra é Boris Fausto, este que tem sua primeira formação como bacharel em Direito, tendo exercido a profissão de Advogado por algum tempo, porém, como declarou estar insatisfeito, entrou para o curso de História em 1962, aos 32 anos, formando-se pela USP: “coordenou parte da série civilização brasileira, pesquisou temas como a revolução de 1930, as relações trabalhistas no início do século XX e a criminalidade na São Paulo da Republica Velha”.

No livro, *O crime do restaurante chinês, carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30*,

o autor uniu suas duas formações e nos traz uma belíssima e interessante obra. Ao observar um crime que chocou o país, e que se arrastou por anos no Tribunal de Justiça de São Paulo, o autor, por meio de um método historiográfico conhecido como micro-história, onde a partir de um fragmento, como é esse crime e de seu suposto autor, Fausto nos traz a cada capítulo peculiaridades e construções culturais da cidade de São Paulo e do Brasil.

O livro está dividido em 16 capítulos, onde Fausto nos traz diversas discussões, usando fontes como: jornais, laudos jurídicos, perícias, discutindo métodos psicanalíticos utilizados na época, sem deixar de contextualizar a sociedade de 1930 na qual se passa o fato abordado, como por exemplo, a questão da imigração Chinesa para São Paulo, pois as vítimas eram um casal de comerciantes chineses, os métodos positivistas da policia na época para investigações e obtenção de provas, o funcionamento do Tribunal do Júri, o carnaval em São Paulo e no Rio de Janeiro, a copa do mundo e o endeusamento dos jogadores pela mídia, o movimento negro no Brasil e, claro, a força e influência dos jornais que mudaram tudo na vida do suposto autor do crime.

O mais interessante nesse livro é a riqueza de detalhes que o autor nos traz e a forma como ele expõe fatos ‘macro’ que vão fazer uma diferença enorme no desenrolar do caso na Justiça, além de fazer uma escrita mais literária, porém sem deixar de observar o contexto histórico e as discussões que perpassam o mundo jurídico.

O crime que acontece na manhã de uma terça-feira de carnaval, onde um casal, donos de

um restaurante chinês em São Paulo são mortos de forma brutal como também seus dois funcionários deixa a cidade e o país em choque, os jornais não falam sobre outro assunto durante todo o desenrolar da história que vai de 1938 a 1940. Os jornais incessantemente exploram o caso dando menor destaque a ele em duas ocasiões durante esses anos que são: na copa do mundo de 1938, e nos carnavais dos anos seguintes, que começam a ganhar forma nas duas maiores cidades do sudeste do país, Rio de Janeiro e São Paulo.

Vários suspeitos começam a aparecer até que a policia consegue a confissão de um ex-funcionário do restaurante, um homem negro, com pouca instrução e que, aparentemente, teria motivos para cometer tal crime. Os métodos que a policia usa são os responsáveis por essa conclusão, mas a mídia e o movimento negro no Brasil dessa época viram o jogo e o horror tomar outro rumo durante os anos que se seguem o processo na Justiça.

Dessa forma, esse também é um livro que nos faz refletir sobre como os casos de crimes que chocam o país e ganham grande repercussão são manipulados pelo poder da mídia que, no final, é quem vai condenar ou absolver o indiciado até hoje.

POR GERALDO LIMA

Casal

– Estou pronto para morrer, ele disse com uma voz que já trazia em si a ruína e o silêncio. Ela abriu a veneziana, como se cavasse uma fuga, e um vento frio a fez encolher-se um pouco mais para dentro do roupão. Um casal de pássaros, num voo-relâmpago, passou rente à janela. Parecia se pegar em pleno voo, ora quase tocando o chão, ora erguendo-se rumo às nuvens. Talvez os dois estivessem se acasalando, e aquela violência toda fosse só o modo de explicitar o desejo.

Durou poucos segundos esse balé desvairado, o suficiente, no entanto, para arrebatá-la. O suficiente para arrancá-la dali, daquele ambiente de falência múltipla. Assim que os pássaros sumiram mais adiante, em meio à copa dos abacateiros, ela foi sugada de novo para dentro dessa realidade prestes a se decompor.

– Estou pronto para morrer, ele repetiu, como se estivesse enfiando um prego na mente dela. Ela fechou a veneziana e foi até o quarto. Abriu a gaveta da cômoda e do meio das roupas tirou um objeto que lhe provocou calafrios. Deu vontade de sentir de novo o vento frio na cara antes que tudo ruísse diante dos seus olhos.

A ponte

A rajada de vento apanhou a folha de papel jogada sobre a ponte e a transportou numa viagem desengonçada por sobre as águas do rio. A mulher acompanhou a trajetória da folha até não avistá-la mais, talvez tenha caído na água e se dissolvido toda, pensou. E no mesmo instante desejou ser aquela folha de papel e ser arrastada pelo vento. Ser, enfim, arremessada contra uma superfície sólida ou líquida e desaparecer inteira.

Quando pequena, ela já sentia a vertigem de se imaginar jogando ali de cima da ponte. O corpo, como um tronco de árvore podre, flutuava por alguns instantes e depois era arrastado violentamente pela força da gravidade. Sua imaginação febril agia com tanta perfeição que ela podia ouvir o som da água se esparramando toda em ondas concêntricas assim que o corpo a tocava.

Uma árvore de tronco podre, é assim que se sente agora. E está prestes a romper com as raízes e tombar no vazio. Só espera a próxima rajada de vento colhê-la sem aviso e delicadeza.

Gritos

De repente o tempo fechou dentro do salão. Vi um brilho de metal luzir sob a luz da lâmpada e dezenas de pessoas precipitarem-se em direção à porta. A porta, como era de se esperar, tornou-se estreita demais para tanto desespero. Consegui vazar pela janela e sumi dentro do breu. Parei uns quinhentos metros depois, sem ar nos pulmões e coragem para avançar no escuro. Então fechei os olhos e tapei os ouvidos para não ouvir nada, nem o tinir do aço nem o estalido das armas de fogo. Mas na mente, sem que eu pudesse interromper, a cena continuou a desenrolar-se violenta e gangrenada.

GERALDO LIMA. (DISTRITO FEDERAL/GOIÁS. Professor, escritor e dramaturgo. Já publicou alguns livros, entre eles *Baque* (conto, LGE Editora), *UM* (romance, LGE Editora) e *Tesselário* (minicontos, Selo 3x4, Editora Multifoco). É colunista dos sites O BULE www.o-bule.com e Portal Entretexos www.portalentretexos.com.br e do blog Dona Zica tá braba <http://donazicatabraba.wordpress.com/> Colabora com o Jornal Opção (Goiânia), o Jornal de Sobradinho (DF) e a Revista TriploV (Portugal): www.triplov.com Bloga ainda em: www.baque-blogdogeraldolima.blogspot.com.

DE JOSAFÁ DE ÓROS

O camafeu de Rimbaud

A Henry Miller

Depois que a cortina de névoa esmaeceu
Pude ver melhor:
O camafeu de Rimbaud é um espelho.

É lago infindo
Em vácuo
Porção onde afogo a cada dia
Meus personagens e mitos.
Afundo minhas máscaras
Reservo o horror de toda alma
Numa aventura sem precedentes.

Abismos para cima
Estranhos espasmos de morte
E meu espírito sozinho, absorto
Solúvel às tempestades.

Camafeu de cobre e azinhavre
Se te pulo, te aqueço
E saltas como gênio de luz
Do teu inferno, como tu,
Eu mesmo.

Naufrágio antigo

Impossível
Que esta água me banhe
Que Deus me assalte o espírito
E me ganhe.

A paisagem aí fora
É a mesma que se forja nas frestas
De minha alma.
Aí bem em frente – como um delírio daliniano –
A larga margem levemente azulada
Afunda embarcações estanques e silenciosas
Com seus mariscos incrustados.

Sonhos cinza
Esbranquiçados.
Madeiras apodrecendo
Tavernas e adegas amolecidas pelas águas
Cheias de minúsculos fantasmas.

Antigos seios de recordações
Pratarias cheias de aristocráticas memórias
Ornatos sutis, graves explorações.

a Anais Nin

Os seios desejosos de bicos rijos lampejam
Anseiam a fervorosa língua quente na boca
Na vontade de saciar-se, quanto desejam
Frêmito incontido, que voragem louca.

Tateando a cama toda em seus lençóis
A ninfa se contorce, rola e geme
Os dentes rangem, os olhos viram como caracóis
Evidenciando cio selvagem de La femme.

Um desejo tão forte e tão intenso
Faz inchar a glande a todo o sangue
Com o pulsar de um músculo tão imenso

E assim no espaço do fugaz e do perfume
Os sexos se bebem e o gozo espanje
Feito chama que se completa no lume.

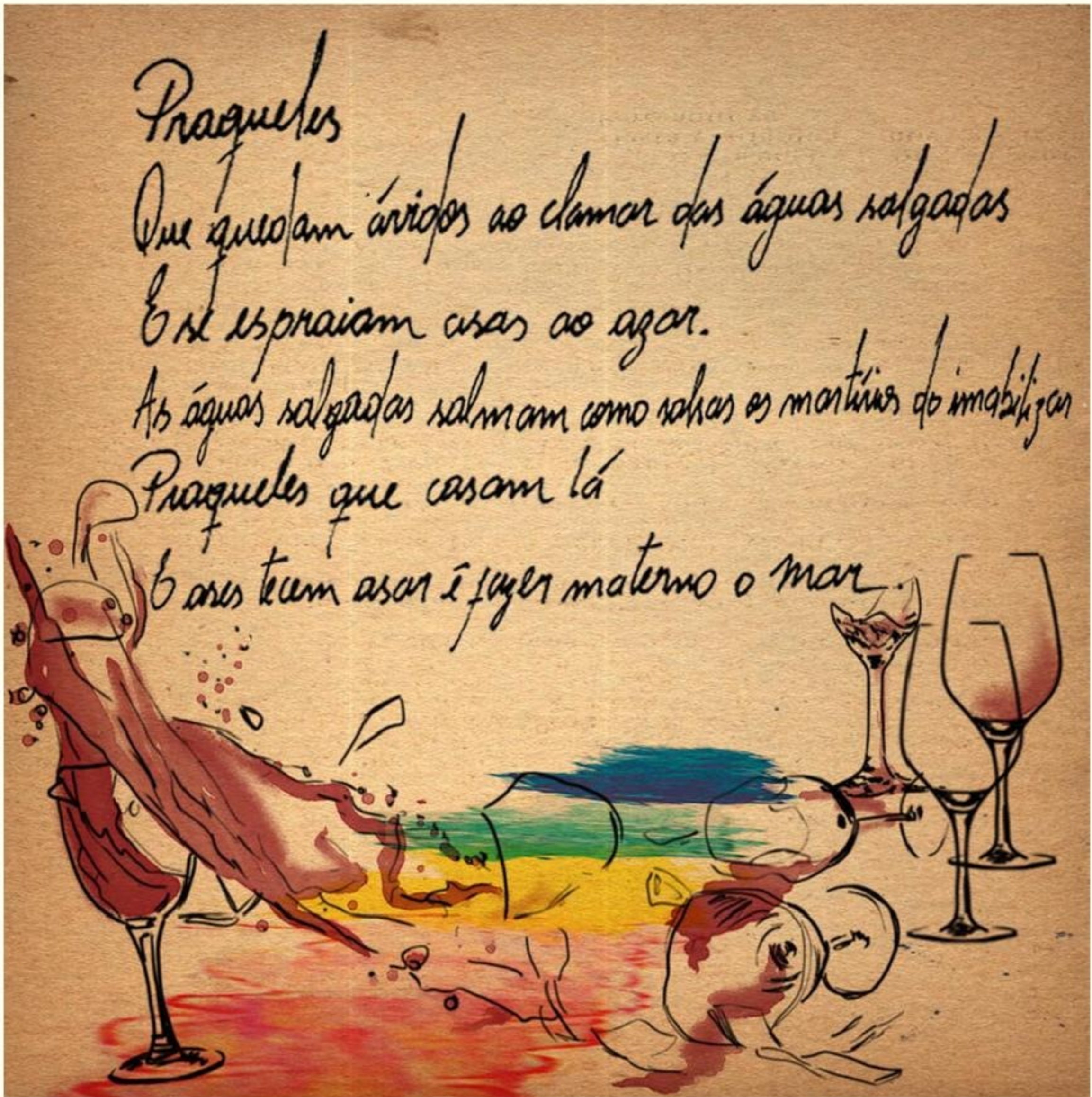
Conversas sobre Vulcano

O centauro levantou-se!
Alardeou o anão
Com as barbas molhadas.

Da fogueira, onde ardiam destinos
Ergueu-se um pequeno flautim em chamas
Afeiçoou-se aos lábios do fauno moço
- Aquele que tinha nos olhos labaredas dançantes -
Subtraiu-lhe à pinça
Minúsculas ninfas da virilha em penugem.

Depois já era madrugada
A névoa densa, e
Nos campos embevecidos em sândalos
Tudo se fez grande rio e sonhos
Com artesãos medievais conversando
Sob o pórtico de um cipreste antigo.

Por Flaw Mendes
(poema Luciano B. Justino)



Flaw Mendes (Paraíba). Artista plástico e editor da Blecaute. <http://flawmendes.blogspot.com>

Luciano B. Justino (Paraíba). Professor doutor em literatura, docente do Mestrado em Literatura e Interculturalidade da UEPB.

O HOMEM QUE EMBARCOU NO ÔNIBUS DAS DEZ NO DIA EM QUE O REAL ENTROU EM CIRCULAÇÃO

Por Andreza Silva

Era o primeiro dia de julho de mil novecentos e noventa e quatro. Um dia sem muitas novidades. Exceto, é claro, o fato de que uma nova unidade monetária havia entrado em circulação no país: o real. O relógio marcava nove horas da noite e quinze minutos. Pierre já se preparava para dormir, costumava deitar cedo. O ritual era sempre o mesmo. Banho. Seu pijama preto de tecido fino: uma calça e uma camisa de dez botões. A leitura do capítulo de um livro – que, nos últimos dias, era *O misterioso Sr. Quin* da Agatha Christie – enquanto tomava chá. E a luz da luminária, que se apagava.

Nesse dia, ele sonhou. Estava próximo a uma lagoa. Depois de jogar seixos na água, fazendo-os quicar, sentou-se em uma pedra. Atrás dele, havia uma árvore, por onde olhos o espreitavam, sem ele saber. De trás dessa árvore saiu um menino e sentou-se ao seu lado. Ele tinha, em média, dez anos. Estava vestido de preto. E tinha os olhos fechados. Seu cabelo, castanho e liso, caía sobre o rosto muito fino. Disse:

– A cor irá te matar!

– A cor? Que cor? – perguntou Pierre confuso.

– A mais ativa – falou o menino, levantando-se e indo em direção à água, caminhando sobre ela, como se estivesse pisando no chão.

Ele levantou e seguiu o garoto, mas ouviu um barulho atrás de si e virou para saber o que era. A árvore não estava mais ali. Em seu lugar, havia um túnel vermelho. Ele entrou. Depois de dar dez passos, encontrou um velho, que batia com uma pena em um balde emborcado. O barulho parecia o de um coração batendo. O velho disse:

– A brigada começará em instantes, você precisa estar preparado.

– Estou em uma guerra? – perguntou Pierre.

– Eles passarão por este túnel, em instantes. Se você permanecer aqui, será atropelado – disse o velho, ainda batendo no balde.

Ele retornou pelo túnel e saiu em uma estreita alameda, muito encantadora, com altas sebes. Depois de dobrar uma esquina, encontrou um homem alto e magro, de pele morena, vestido em um traje colorido, todo costurado em losangos. Começaram a caminhar juntos.

– Onde será que termina esta alameda? – perguntou Pierre, ao homem desconhecido.

– Termina aqui – disse ele.

O fim da alameda dava em um terreno baldio. No chão, havia uma grande cova, onde estavam jogados pedaços de jornais, caixas vazias de tinta vermelha, porta-retratos velhos e centenas de bugigangas, que não serviam para ninguém.

– Um monte de lixo – disse, indignado.

– Algumas vezes, há coisas maravilhosas num monte de lixo – respondeu o homem, agachando-se e pegando um coração entre os objetos jogados.

– Coma! – disse o homem, entregando-lhe o coração.

– Por quê? – perguntou Pierre, espantado.

– Para você não morrer – respondeu o outro.

– Mas se eu comer o coração, assim é que morrerei – disse Pierre, já se incomodando com o tom do diálogo.

– Por que você acha que ele estava no lixo? – perguntou o homem, enigmático.

– Eu não comerei o que não presta – disse Pierre, muito cheio de si.

– Pois você morrerá – disse o homem, sem demora. Entregou a ele uma chave e disse: – Vá procurar sua família – e olhou para trás.

Pierre acompanhou seu olhar, não encontrando nada. Quando se voltou para o homem, este não estava mais lá. Agora, diante de si, não havia mais nenhum lixo. Em seu lugar, estava um barco parado, com um homem pálido sentado na ponta. Ele subiu e o homem abriu a boca. Ele entendeu: colocou a chave dentro dela. O homem o levou, então, para um jardim, onde Pierre encontrou sua família. Ao descer do barco, pensou consigo mesmo: “Parece que estou em um sonho”.

Lá estavam sua esposa e seus dois filhos. Aproximou-se deles e abraçou a esposa, dizendo:

– Estou com medo!

– De quê? – perguntou ela.

– Não sei – respondeu ele, apertando-a.

A filha, então, se aproximou e lhe mostrou seu neto, colocando-o em seus braços. Não sabia que o bebê já tinha nascido. Ao olhá-lo, percebeu que seus olhos estavam costurados. Com medo, o entregou de volta à filha. Nesse instante, a esposa o chamou gentilmente para a mesa. Eles se sentaram. Comeram. E conversaram. Até que sua esposa disse, piscando os olhos, ao invés de abrir a boca:

– Você precisa ir! O ônibus das dez está perto de passar.

Ele se levantou e caminhou com a família em direção ao ponto de ônibus. Lá, na parede do ponto, viu um cartaz colorido com o nome ‘ashmead’, em letras garrafais. Quando ia perguntar o que aquilo significava, o ônibus chegou e ele subiu, rapidamente; não antes de dar um abraço nos filhos e na esposa.

Quando entrou, o cobrador pediu o dinheiro da passagem, ao que ele perguntou:

– Quantos cruzeiros?

– Nenhum. Só recebo real – respondeu apático, o cobrador.

– Mas eu não tenho real – retrucou Pierre.

– Você é real – disse, então, o cobrador, mal-humorado.

Ele estava agora sentado, olhando para a janela, sem nada enxergar. O ônibus tremia

muito. Parecia que havia uma multidão enorme embaixo dele o golpeando com martelo. Isso, entretanto, não o incomodava. Estava muito tranquilo. Pensava nas risadas que acabara de dar com a família na mesa, ao conversar sobre as traquinagens dos filhos, quando eram crianças. Tentou lembrar se pagou o cobrador, mas não conseguiu e também não arriscou perguntar. Se estava ali, é por que, decerto, tinha acertado suas contas com ele. Pensou consigo mesmo: “Parece que faz uma eternidade que estou aqui”. Encostou a cabeça na janela e tentou dormir, mesmo em meio àquele barulho, mas foi interpelado pelo grito do cobrador estressado, dizendo:

– Se você dormir, vai acordar e não vai mais acordar! Espere o ponto final!

– Estou cansado – disse, então, Pierre – quero dormir. Quando o ponto final... – antes de terminar a pergunta, o cobrador disse rudemente: – Pronto, chegou. Pode descer.

Ele desceu em frente a uma porta. Abriu-a e entrou em um quarto, que logo percebeu ser o seu. Deitou-se na cama e fechou os olhos.

– Como é o nome da doença mesmo, que o doutor disse? – perguntou Pedro, olhando para a mãe.

– Síndrome de Brugada – respondeu ela, com os olhos lacrimosos.

– É assim, você morre dormindo, do nada? – perguntou ele, voltando seu rosto para frente, fixando um ponto vazio.

– É, Pedro. Melhor que sofrer meses numa cama, sabendo que vai morrer – respondeu ela, tentando se conformar com a ideia.

– Deve ser ruim, – disse ele – é melhor saber. Dá para se despedir, sentir medo. Medo é bom nesses momentos. Eu mesmo quero ver a morte chegar. É uma covardia matar alguém e não lhe dar direito à defesa, mesmo que psicológica – e depois de pensar, por um tempo, disse: – Morrer na ignorância é pior que viver nela.

– É tudo uma coisa só – disse a esposa de Pierre, tentando acabar logo a conversa.

O relógio marcava, então, nove horas da manhã e quinze minutos. Preparavam Pierre para colocá-lo no caixão. Lavaram seu corpo. Vestiram sua roupa: uma calça e uma camisa social de dez botões; ambas na cor branca. Colocaram as flores. Depois, ela pegou um livro de orações, porque insistia em ser católica, e leu em voz alta alguns trechos, preparados para essas ocasiões. Enquanto isso, Pedro tomava chá, sentado cabisbaixo em uma cadeira; e sua irmã, Paula, que estava grávida, acendia as velas.

1

EU SOU HEATHCLIFF

Por Alexandre Laurence

O desconcertante “O Morro dos ventos uivantes”, *Wuthering heights* em inglês original, escrito pela romancista inglesa Emily Brontë, até hoje assusta e comove com sua intensa e violenta história de amor, e traz em suas páginas o que muitos acreditam ser a maior frase de amor em uma obra de ficção, quando a protagonista Catherine, a falar de seu amado Heathcliff diz “Eu sou Heathcliff”.



Gravura de Heathcliff por Fritz Eichenberg

O Morro dos ventos uivantes não é um livro que se lê, mas que se sente. A narrativa retrata o atormentado amor entre Heathcliff e Catherine e de como isso os destrói e a todos ao seu redor. Em outro plano, a despeito da atmosfera de paixão do livro, trata-se na verdade de uma história de vingança, através da personagem Heathcliff, órfão de misterioso aspecto cigano, que recebido por uma família adotiva, é reduzido a condição de mero empregado, proibido de estudar e freqüentar a igreja, transformado num mendigo intruso em sua própria casa. Quando seu grande amor abandona essa cumplicidade sentimental e resolve se casar com um homem de posses, Heathcliff foge. Anos depois, retorna rico e educado com o objetivo de se vingar das duas famílias que ele acreditava terem destruído sua vida.

A personalidade de Heathcliff distancia-se de um herói romântico e sofrido e curiosamente o seu nome representa um abismo. Heath em inglês significa pântano e Cliff é despenhadeiro. Então esse personagem é o despenhadeiro do pântano, e quem dele se aproxima, afunda-se no pântano, cai no abismo.



Gravura de Heathcliff por Vestergaard

Obra-prima violenta, humana, bela, carregada de lirismo e misticismo, o livro é o único romance da autora, publicado em 1847 sob o pseudônimo masculino de Ellis Bell. A princípio foi recebido mal, confundindo críticos com sua estrutura inovadora e narrativa crua da crueldade mental e física da natureza humana, suscitando reações de espanto e repulsa e teve como poucas obras o poder de chocar na época uma sociedade conservadora e puritana e com os anos, ser cultuada e considerada a maior obra da literatura britânica.

Pela primeira vez na literatura romântica, os personagens não são rigidamente classificados como bons ou maus. Vícios e virtudes neles se mesclam como criaturas reais, multidimensionais, dúbias e violentas. A história parece se desenvolver em um ambiente desprovido de princípios morais, onde a linha entre o bem e o mal é difusa, num universo que emana ao mesmo tempo, beleza e sadismo. Como citou o poeta Dante Gabriel Rossetti, “as ações se passam no inferno, só que os lugares e pessoas têm nomes ingleses”.



Imagem do ator Ralph Fiennes como Heathcliff na adaptação cinematográfica de 1992



Imagem da adaptação cinematográfica de 1992

A estrutura dramática do romance é resultado de choque de vontades, misturando romantismo e realismo, num leque aberto de histórias dentro de histórias, jogando como os acontecimentos narrados, através de vários narradores como o inquilino Lockwood e a empregada Nelly a cartas e anotações. A morte do personagem Catherine marca o clímax do romance, equivalendo à morte da alma de Heathcliff, abrindo as portas para seu inferno e danação. Pela maneira como Emily descreve os personagens, percebe-se que sua simpatia se volta para os que sofrem. A intensidade das paixões, as sombras densas que os rodeiam, a violência do amor e do ódio constituem os elementos do livro e mostram a riqueza de sentimentos que a romancista guardava dentro de si, num clima de intenso e estranho lirismo, em que as misérias e paixões humanas são tratadas de maneira incisiva.

O romance só foi receber uma crítica positiva três anos depois de ser publicado, após a morte da autora por tuberculose em 19 de dezembro de 1848. Emily Brontë viveu uma vida reclusa e solitária ao lado do pai e dos irmãos, duas delas também se tornaram escritoras famosas, Charlotte Brontë (autora de *Jane Eyre*) e Anne Brontë (publicou *Agnes Grey*). Assim como supostamente a personagem Nelly foi inspirada numa empregada de nome Thabitha, Emily se apoderou da vida desregrada do irmão Patrick para traçar o perfil revoltado e deslocado de personagens masculinos como o próprio protagonista.

Esse monumental filho único se tornou um clássico da literatura universal e no Brasil teve seu título inspirado em poema de Tasso da Silveira “Balada para Emily Brontë”. Adaptado para inúmeras versões cinematográficas, rádio, televisão, musical, balé, ópera, jogos e canção.

Em 1992, foi produzida talvez a melhor e mais fiel versão para o cinema, com as impressionantes performances dos atores Ralph Fiennes e Juliette Binoche e a inesquecível trilha sonora do violinista Ryuichi Sakamoto e é a primeira a contar toda a história das duas gerações de personagens.

O Morro dos ventos uivantes permanecerá na memória daqueles que o lerem como uma fábula épica sobre a influência do mal, do sofrimento e da vingança no amor e nas virtudes humanas, porém sempre será seu o mérito de abrir as portas para o maravilhoso lirismo transbordante de paixão e força transcendental que emana de suas páginas.

Balada de Emily Brontë (Tasso da Silveira)

No morro do Vento Uivante
o vento passa uivando, uivando...
No Morro do Vento uivante
há um casarão sombrio
cheio de salas vazias
e corredores vazios...
A noite toda uma porta
geme agoniadamente.
Pelas vidraças partidas
silvam longos assovios,
no ar de abandono e de medo
passam bruscos arrepios...
No Morro do Vento Uivante
o vento passa...
Emily Brontë
não pares a história... Conta!
conta, conta, conta, conta!
Dá-me outra vez aquele medo
que encheu minha infância morta
de sonhos e de arrepios...
No Morro do Vento uivante...
Depois que os anos passaram
como ficaram meus dias
vazios... vazios...



Pintura da autora Emily Brontë pelo seu irmão Patrick Branwell

ALEXANDRE LAURENCE (RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e Jornalista. Ministra a oficina de dramaturgia “O Fixador de instantes”. Como escritor tem conto publicado na *1 Antologia Literária SPVA/RN* e produz textos de dramaturgia a exemplo de “Flor do Mamulengo” e “Ultimate Divas”. Atualmente prepara seu primeiro romance.

DE GEORGIO RIOS

RIO

Corto o vértice como quem naufraga
latitude mítica ante o cais
rumo ao rio, por onde vai
a voz esguia
a canção esquecida
o barro delineia os movimentos,
antes sombras
projeção sob a ponte esquecida,
laços pálidos
amordaçando a inclinação sinuosa que se projeta
sobre os silvos

andar implica projetar sombras
difundir itinerários,
rotas complexas
pequenas fainas incertas
rumar incerto
por labirintos de arame e sons
música que é mapa,
cordas do caos
singram pelo rio que corta o dia
como quem parte ao meio a luz
como quem,
apressado se projeta ao som
das lâminas
lâmpadas
mercúrio cromo e faíscas
teatro caustico de pingos
projeção de chuvas
chuvas sujas
onde a rota é o sonho
ondeo sono dita o andamento,
partitura esquecida que fia feito sombra.

FERIADO

Caminho como que canta
sopro suave
o odor podre das frutas
esquecidas, bananas gullarianas
infestam minha tarde,
minhas narinas
a tarde sempre
a mesma
e ainda outra, ostras
desterra os sonhos
vento quente de Dezembro
desenhando sombras
rasgando o rosto
migrando rotas
pássaros de papel
pairando ante o caos
estalido de cacos
estante
ante a difusa imagem no fim do espelho

LUMINOSAS

para o mestre Cariri e artesão das palavras: Don Lupeu Lacerda

sob a ponte perdida
paio
como plástico
a
observar pássaros
cósmicos
puro gás
arremedando as sombras
puídas
em passos lentos
elaborando figuras
pálidas
pelo dorso do cais

DESENHO

Indefesas
as metáforas
se encolhem na estante
entre as capas
dos livros
vez em quando
um suspiro tímido
um uivo úmido
e um grunhido rouco
são elas se arrumando
para infestar sutil
a mente
desavisada de algum
leitor
buscando nas sombras
algumas sobras
desejando algum ensejo
algumas voltas
e alguns volts
mercando provisórios
a sua trade
tríade de coisas
coleccionadas nas páginas amarelas
do dia.

PEQUENO NÓ

Sou assombrado por meus próprios fantasmas
e no fim
restará isso
migalhas de mim mesmo
vagando a ermo
no vão de algum varedo
nas asas desavisadas d'algum
pássaro migratório
e sim será o fim, e só.



FOTO: OTTO CABRAL



Murilo Santos nasceu no sertão da Paraíba, cidade de Patos. Interessado por literatura e filosofia desde cedo, encontrou na Comunicação Social (Jornalismo) a graduação que atendia aos seus interesses intelectuais. Dedicou-se a essa área exercendo várias profissões. Tornou-se redator e editor de jornalismo impresso, dirigiu a produção gráfica de uma agência de publicidade e dedicou-se à pesquisa científica. Mas essas ocupações o tomam por um curto espaço de tempo, pois logo abandona todas as atividades que o faz dividir a atenção para com uma atividade que realiza há anos: a pintura. (...)

O seu trabalho já fora mostrado e compõe pinacotecas dos principais centros culturais de sua cidade natal e da capital paraibana, João Pessoa. Além de Brasília-DF.

Mais em sua página no Flickr.



CONTATO:

ATELIÊ rua Benjamin Constant, S/N.
Bairro Jardim Califórnia (próximo ao Terreiro do Forró).
Patos, PB.
Fone (83) 99540849.
murilosalm@hotmail.com

Palavra do Artista

Penso que ver é como plantar e tornar visível é como colher. Enxergo com alguma clareza e muito espanto coisas que, aparentemente, os outros não enxergam ou fazem de conta que não. Eu quero dar corpo a essas coisas. Tento fazer visível a alma do sentimento sem corpo: a dor e a ansiedade nos olhos de um boi que espera, forçado, a morte num matadouro (metáfora para uma reflexão do, “fazer forçado”, humano), a catarse na ação de um violinista ou as implicações da vontade representada num objeto que a traduz. Como diz o poeta



Manoel de Barros, “o meu ofício é amar o que os outros jogam fora”.

Às vezes toda a pretensão que tenho ao pintar um quadro é que ele funcione como uma anotação que você faz e cola na porta da geladeira. Desejo fazer alguém lembrar de algo que não quer esquecer. Nesse mundo que para onde quer que você olhe algo lhe faz esquecer daquilo que você julga importante. E coisas ínfimas, ridículas, são tornadas gigantes pela publicidade.

Em busca da proposição de uma obra de arte, a cor, a textura, a harmonia e desarmonia, o tom, o tema e tudo mais que escolho para estar presente no meu trabalho me esforço para que derive de uma ação espontânea. A minha pintura não resulta, somente, de uma posição intelectual, ela também se faz livre e casual, como as contingências naturais presentes no antigo animal humano, que hoje só em poucos assistimos. Intento que a pintura não fale só de espontaneidade, mas ela mesma seja resultado de um processo espontâneo; A minha pintura tem que ser espontânea na medida oposta do quanto à vida cotidiana a deixa de ser: MUITO.

“O fim do fracasso é o fim do indivíduo” disse Adorno; se o homem deixa de se permitir o fracasso a sua individualidade acaba. Quando um homem deseja algo que é arriscado e, pressionado pela sociedade, deixa de o fazer por algo que, ao contrário, é garantido sucesso, ele perde a sua autonomia e liberdade. Desse modo tornei-me artista, para não correr o risco de vir ao mundo e perder a viagem. E nessa empreitada, “qualquer que seja o meu êxito, há um prêmio que me não pode faltar. Encontrá-lo-ei no fundo do meu coração”.

Confira também





Novo site da →



Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

www.revistablecaute.com.br

Como publicar

Os autores que se interessarem em divulgar suas produções na Blecaute devem enviá-las para o e-mail:

revistablecaute@gmail.com

Os arquivos devem ser compatíveis com o editor de texto *Microsoft Office Word* (2003 ou superior) e se enquadrar nas seguintes categorias:

Poemas (devem ser enviados entre quatro e cinco poemas, com até cinco páginas no total);

Conto (poderá ser enviado apenas um conto, sugerimos no máximo oito páginas);

Ensaio (poderá ser enviado um ensaio sobre temas ligados à literatura e/ou demais artes, incluindo cinema, música, artes visuais e artes cênicas, sugerimos o máximo de oito páginas);

Dicas de Leitura (poderão ser enviadas três dicas de leitura, com até uma página, acrescida de uma imagem da capa do livro sugerido em boa resolução).

Observação

Todos os textos devem ser acrescidos de um pequeno perfil dos colaboradores, contando com as seguintes informações: nome, local de nascimento, local onde reside atualmente, livro(s) publicado(s), blog(s) e/ou site(s) que edita, entre outros.

